

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 21 a 27 de outubro de 1960

Nº 86

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr.

Diretor — Mário Alves

Redator-Chefe — Fragman Borges

REPETINDO FRONDIZI JÂNIO PEDE AO POVO PARA SUPOORTAR MAIS FOME



**Duas tragédias:
falta d'água
e carestia**

UMA minúscula sacola, com as compras da feira, e uma garrafa d'água conseguida na casa de uma amiga mais providente e afortunada, são nas mãos desta senhora a imagem eloqüente das duas tragédias que assolam o carioca: a falta d'água e a carestia. Ela pode carregar em suas mãos todo o «conforto» que consegue dar ao marido e aos dois filhos, num modesto apartamento em Copacabana. Fontes oficiais informam, sem maiores satisfações ao povo, que o fornecimento de água será completamente cortado até a próxima segunda-feira, em toda a cidade. Texto na 8ª página do 1º caderno.

**Todos procuram a
liberdade mas só
uma parte a encontra**

AS agências telegráficas não se cansam de noticiar a fuga de alemães da RDA para a Alemanha Federal. Esquecem, «apenas», de explicar as causas determinantes dessa fuga. Esquecem, também, de revelar o outro lado da medalha. A fuga de milhares de pessoas da Alemanha Federal para a RDA. Na 3ª página do 2º caderno, publicamos uma reportagem de nosso companheiro Fragman Carlos Borges enviado especial de RDR à RDA, onde teve oportunidade de observar de perto o fenômeno. Na foto, o nosso companheiro quando entrava em contacto com uma família de refugiados.



**CARNE: ATACADISTAS VENDEM
MAIS CARO E SONEGAM IMPOSTO**

Texto na 4ª pág. do 1º cad.



COM O APOIO ostensivo dos EUA e do sr. Juscelino Kubitschek, o tirano Stroessner desencadeia o mais bárbaro terror contra os patriotas paraguaios, prendendo, espancando, mutilando e assassinando friamente a dezenas, na vã tentativa de esmagar a crescente resistência popular à sua ditadura. Prisioneiros são expostos, como feras, nas praças públicas, e cadáveres mutilados de guerrilheiros (foto) são jogados no rio para servirem de exemplo... (Reportagem na 1ª pág. do 2º caderno)

Dois cadernos
14 páginas

5

CRUZEIROS

NA PRIMEIRA semana depois de eleito, Jânio deu duas entrevistas à imprensa, ambas em São Paulo. A primeira delas, quinta-feira passada, já foi um recuo em relação às suas posições de candidato. Não quis dizer se cumprirá ou não sua promessa de regular relações diplomáticas com a União Soviética, mas fez, em três oportunidades, exaltadas declarações de amor aos Estados Unidos. Evitou fazer declaração sobre Cuba, mas prometeu obediência à OEA, embora afirmando que adotará uma política externa independente, sem explicar como resolve a contradição entre as duas coisas. Prometeu controlar as remessas de lucros das empresas estrangeiras e intensificar o comércio com os países socialistas, mas confirmou ao mesmo tempo sua disposição de promover a reforma cambial nos moldes do FMI, o que contraria frontalmente aquelas promessas. Em todas as declarações que fez, nessa primeira entrevista, Jânio mostrou que procura manter-se fiel à política dos Trustes que o financiaram, mas está preocupado com o sentimento popular e nacionalista da votação que recebeu. Foi dúbio, reticente, cuidadoso. Já na segunda entrevista, terça-feira, limitada à televisão e ao rádio, foi um pouco adiante (ou mais para trás...), e ameaçou o povo com um programa de «austeridade» do tipo imposto à Argentina pelos imperialistas ianques, com a ajuda de Frondizi. (Textos na 3ª e 4ª páginas do 1º caderno)

VITÓRIA DOS ESTIVADORES EM 24 HORAS DE GREVE

Texto na 2ª pág.
do 1º cad.



Mágica Desonesta

ORLANDO BOMFIM JR.

AO DIVULGAR a última entrevista coletiva de Prestes, a imprensa janiista utilizou mais uma vez sua inegável capacidade de adulterar fatos e declarações. Recorreu, desta feita, ao manjado expediente dos polemistas de pouca escrupulosidade e nenhuma razão, os quais, não sustentando o debate no seu terreno natural, atribuem ao adversário idéias que ele não defende e passam a combatê-lo exatamente por essas idéias.

UM REPORTER perguntou a Prestes (estávamos presente ao encontro) qual seria a posição dos comunistas se o sr. Jânio Quadros restabelecesse as relações diplomáticas com a União Soviética. A resposta foi simples e clara. Há muito tempo que os comunistas lutam por esse objetivo, pois estão convencidos de que ele corresponde aos mais categóricos interesses de nossa Pátria. Dessa forma, não teriam dúvida em apoiar o ato do governo e chamar mesmo o povo às praças públicas para se manifestar nesse sentido.

NA REDAÇÃO de certos jornais, operou-se a mágica desonesta. Retirou-se a justificativa da resposta, que foi pedada e torcida para aparecer em letra de forma como apressada adesão ao sr. Jânio Quadros. E na base dessa falsidade vieram depois os comentários tentando achincalhar Prestes e os comunistas por aquilo que não foi dito e nem podia ter sido, pois estaria em chocante contradição com todas as demais respostas e com o texto escrito lido aos jornalistas.

NÃO HOUVE, da parte de Prestes, meias-palavras na caracterização dos resultados do pleito eleitoral: subiram ao poder as forças políticas mais reacionárias. Exatamente aquelas que, de modo acentuado desde 1955 (é a «guerra dos cinco anos» a que se referiu, numa fanfarronada belicosa, o presidente da fuga mar afora pelo Tamandaré, sr. Carlos Luz), se congregaram na defesa de interesses impatrióticos. Contra essas forças os comunistas lutaram, lutam e lutarão. Porque elas se opõem a que nosso povo conquiste a independência política efetiva e a emancipação eco-

nômica, o bem-estar para todos e mais ampla democracia.

MAS EXISTE também o reverso da medalha. Os milhões de brasileiros que votaram no sr. Jânio Quadros não podem ser confundidos com a carriola entreguista. Foram na verdade ludibriados pela mais desbragada e aparatoso demagogia. E o que querem é uma mudança para a frente e não para trás, para melhor e não para pior. Sob esse aspecto, não se distinguem dos milhões de brasileiros que votaram no marechal Lott. E é essa extraordinária força de massas que pode e deve ser mobilizada para influir na orientação — e mesma na composição — do futuro governo. O feilico poderá, assim, virar contra o feiliceiro. As promessas demagógicas poderão ser cumpridas, ainda que a contragosto e sob o descontentamento daqueles que as manipularam.

NÃO SERÁ este o caminho acertado de lutar, dentro da perspectiva que se apresenta de imediato, contra as forças políticas reacionárias guardadas ao poder com o resultado do pleito? De fazer a elas uma enérgica oposição?

CREMOS que sim. Mas é precisamente isso que a carriola reacionária não deseja. Tinha mesmo, já antes das eleições, especulado com a posição dos comunistas no caso de uma vitória de Jânio, prevendo, ou melhor, augurando uma conduta de desesperado golpismo. Por outro lado, sabem que os comunistas, pelo seu espírito combativo e sua capacidade aglutinadora e de mobilização, constituem fator capaz de influir sobre as massas no sentido de levá-las à luta. Dai a tentativa de lançar a confusão entre as próprias fileiras dos comunistas e simpaticizantes, dos amigos e aliados, bem como de desmerecê-los perante o conjunto do povo, apresentando-os como vulgares e afoitos cortejadores dos que saíram vitoriosos das urnas.

Tudo será, porém, inútil. As palavras de Prestes foram claras. E, mais forte ainda do que elas, falará a ação dos comunistas.

Vitoriosa (em 24 Horas) a Greve Nacional Dos Estivadores e Portuários

Cerca de 120 mil estivadores e portuários de todo o país voltaram ao trabalho na manhã do último dia 19, após a realização vitoriosa do mais importante movimento grevista que as duas categorias de trabalhadores registram em toda a sua história de lutas.

A greve, desencadeada exatamente às 7 horas da manhã do dia 18, em todos os portos marítimos e fluviais do país, foi liderada pelas Federações Nacionais de Estivadores e de Portuários, que congregam 56 sindicatos e duas associações profissionais de estivadores, e 42 sindicatos de portuários. Sindicatos de outras categorias profissionais que operam na orla marítima determinaram também a paralisação do trabalho nos portos de Santos, Aracaju,

São Luiz do Maranhão e Pôrto Alegre, onde a greve foi total.

As conquistas

Como resultado desse vigoroso movimento grevista, os estivadores conseguiram a assinatura de um acordo com o ministro do Trabalho e o presidente da Comissão de Marinha Mercante, que estabelece o seguinte:

- 1) aumento de 35% nos salários e nas taxas. Esse aumento entrará em vigor 10 dias após a publicação do ato no Boletim da Comissão de Marinha Mercante, que deverá ser feita até o dia 20 do corrente;
- 2) estabelecimento de uma taxa de 5% sobre o volume de tarifas de carga e descarga, destinada aos sindicatos de estivadores, que constituirá o fundo de férias, para concessão do repouso anual remunerado aos seus associados;
- 3) estender os efeitos da portaria 207.357/56, do ministro do Trabalho, a todos os portos nacionais. Essa portaria estabelece que só os trabalhadores matriculados na Capitania dos Portos até 28 de fevereiro de 1940 poderão exercer a estiva livre;
- 4) publicação no «Diário Oficial», dentro de 15 dias, do decreto do presidente da República determinando o retorno das Caixas de Acidentes de Santos e da Guanabara aos sindicatos de estivadores das respectivas cidades.

Solidariedade

A greve nacional dos estivadores contou com a solidariedade imediata de todos os trabalhadores da orla marítima. A Federação Nacional dos Portuários, que nada tinha a reivindicar de específico, determinou que os 42 sindicatos a ela filiados entrassem em greve em apoio aos seus companheiros da estiva. Mas não foram apenas os portuários que paralisaram o trabalho. O movimento grevista dos estivadores,

como já assinalamos, se estendeu a todas as demais categorias profissionais que operam na orla marítima de Santos, Pôrto Alegre, São Luiz do Maranhão e Aracaju, entre os quais, a dos confeiteiros, empregados em escritórios, doqueiros, vigias, arrumadores, etc. Em Aracaju o movimento de solidariedade foi além, chegando a atingir a um total de 18 sindicatos, que determinaram a paralisação do trabalho.

Primeira greve

Organizados em sindicato desde 1903, os estivadores cariocas realizaram, pela primeira vez, uma greve geral, no Pôrto do Rio de Janeiro. Mas, se essa foi a primeira grande greve dos estivadores no Pôrto do Rio, ela foi também a primeira greve nacional da categoria.

Como resultado desse movimento grevista, que chegou a ameaçar de colapso total o abastecimento dos grandes centros consumidores do país, os estivadores conquistaram, em menos de 24 horas, o direito de férias que vinham reclamando há mais de 50 anos. Além dessa reivindicação, que consubstancia uma das mais legítimas aspirações da classe, os estivadores conseguiram que as Caixas de Acidentes de Santos e da Guanabara voltassem a administração dos seus sindicatos. A solução, dessas duas questões vinha sendo preteada

sistematicamente pelas autoridades governamentais, que acabaram cedendo diante da disposição e capacidade de luta demonstrada pelos estivadores e portuários.

Vitória da unidade

Oswaldo Pacheco da Silva, presidente da Federação Nacional dos Estivadores, sobressaiu-se nessa luta como um dos mais capazes e combativos dirigentes sindicais do país. Embora participando diretamente de todos os entendimentos com as autoridades ministeriais, que se desenrolavam durante o dia e a noite, o presidente da Federação mantinha ainda contato pessoal com os estivadores dos portos de Santos e do Rio, numa atividade incansável.

Oswaldo Pacheco, falando à reportagem de NR, declarou que a greve foi vitoriosa graças à unidade dos estivadores em torno das suas entidades sindicais, e à solidariedade de todos os trabalhadores da orla marítima, em particular dos Portuários, cuja Federação, liderada por Walter Meneses e Filipe Rodrigues, determinou que os 42 sindicatos a ela filiados paralisassem o trabalho. Esses líderes participaram, por outro lado, de todos os entendimentos realizados entre as autoridades e a Federação Nacional dos Estivadores.

Nota Sindical

No Caminho da Unidade

Sobrepondo-se às divergências ocorridas no III Congresso Sindical Nacional, os presidentes das Confederações que abandonaram aquele estalote voltaram a se reunir com seus antigos companheiros, propiciando o estabelecimento de uma nova fase na luta pelas reivindicações das massas trabalhadoras brasileiras.

A conquista do novo salário mínimo — reivindicação comum aos trabalhadores de todas as categorias profissionais — foi o elemento que determinou o reagrupamento da liderança sindical, e possibilitou o início da coordenação da luta em todo o território nacional, tendo em vista vencer a resistência patronal oposta à concessão dos novos níveis salariais.

Embora mantendo-se ainda presos aos motivos que os teriam levado ao abandono do III Congresso, os líderes da CNTI, CNTC e CNTT tornaram a formar ao lado de todos os dirigentes sindicais na luta comum em defesa das reivindicações dos trabalhadores.

A reunião do último dia 12, realizada na sede do Sindicato dos Comerciantes, marcou, pelo menos essa é a nossa impressão, uma nova etapa no caminho tortuoso e acidentado que continuamos seguindo em busca da unidade sindical.

Quando os representantes de todas as correntes que atuam no movimento sindical brasileiro se reuniram na noite do dia 12, no Sindicato dos Comerciantes, o seu objetivo era encontrar uma forma de luta comum, que os levasse a conduzir com êxito a luta pela conquista dos novos níveis salariais. Os novos níveis foram decretados pelo presidente da República, na manhã do último sábado. Embora o aumento estabelecido esteja aquém do que se decidiu reivindicar, essa fase da luta já se encontra superada. Trata-se, agora, de atingir uma nova etapa, na qual se inclui a campanha pelo pagamento imediato do novo salário e pela contenção do custo da vida.

As Confederações e as Federações e Sindicatos Nacionais não confederados, que se uniram para a luta em favor do estabelecimento do novo mínimo, continuarão, por certo, e isso é o que se espera, a coordenar as suas atividades na liderança da campanha nacional pelo cumprimento do decreto presidencial que instituiu os novos níveis de salário mínimo para todo o País.

No próximo dia 22 teremos uma reunião intersindical no Palácio do Metalúrgico. Essa reunião, convocada pelas Confederações com o objetivo de estudar as formas de luta a se adotar para a conquista da elevação do salário mínimo, não perdeu a sua finalidade, com a decretação dos novos níveis, uma vez que as entidades patronais cariocas e de alguns outros Estados mostram-se dispostas a resistir ao pagamento do novo salário.

Desse modo, persistem os motivos que levaram a liderança do movimento sindical brasileiro a uma reaproximação. Se o novo salário foi decretado, trata-se, agora, de lutar pela plena execução do referido decreto.

Além disso, permanece na ordem do dia do movimento operário a luta pela conquista de inúmeras reivindicações de interesse geral de todas as categorias de trabalhadores, dentre elas o salário móvel, o salário profissional e a contenção do custo da vida que, para serem alcançadas, exigem a atividade coordenada de todas as entidades sindicais brasileiras e, principalmente, das Confederações.

Nilson Azevedo

Salário mínimo: os novos níveis em todo o país

De acordo com o decreto assinado pelo presidente da República, no último sábado, são os seguintes os novos níveis de salário mínimo em vigor no país, desde o dia 17 do corrente:

- Manaus e demais Municípios do Estado do Amazonas Cr\$ 7.040,00; Belém — Cr\$ 7.680,00; São Luiz do Maranhão — Cr\$ 5.440,00; Teresina — Cr\$ 4.000,00; Fortaleza — Cr\$ 5.920,00; Natal — Cr\$ 5.760,00; João Pessoa — Cr\$ 5.700,00; Recife e Olinda — Cr\$ 7.200,00; Macaé — Cr\$ 5.760,00; Aracaju — Cr\$ 5.760,00; Salvador, Ilhéus e Itabuna — Cr\$ 7.200,00; Vitória e Cachoeira de Itapemirim — Cr\$ 7.200,00; Niterói, Barra Mansa, Campos, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Petrópolis, São Gonçalo, S. João de Meriti e Volta Redonda — Cr\$ 9.120,00; São Paulo, Guarulhos, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul — Cr\$ 9.440,00; Curitiba, Araucária, Campo Largo, Colombo, Itaquara e São José dos Pinhais — Cr\$ 7.200,00; Florianópolis, Blumenau, Brusque, Crisúmia, Gaspar, Itajaí, Joinville, Orleans, Tubarão e Urussanga — Cr\$ 7.200,00; Pôrto Alegre, Cachoeira do Sul, Carazinho, Canoas, Caxias do Sul, Esteio, Livramento, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Rosário, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Jerônimo e São Leopoldo — Cr\$ 8.000,00; Belo Horizonte, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Distrito do Parque Industrial do Município de Contagem, Itajubá, Juiz de Fora, Nova Lima, Santos Dumont, São João del Rei, Uberaba e Uberlândia — Cr\$ 8.480,00; Goiânia, Anápolis, Catalão, Goiambira, Ipamerim, Leopoldo de Bulhões, Pires do Rio, Silvânia e Vianópolis — Cr\$ 6.240,00; Curitiba, Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Guiratinga, Poxoréu, Três Lagoas — Cr\$ 6.080,00; Guanabara — Cr\$ 9.600,00; Território da Acre — Cr\$ 7.680,00; Território de Rondônia — Cr\$ 7.040,00; Território do Rio Branco — Cr\$ 6.400,00; Território do Amapá — Cr\$ 6.400,00; Brasília — Cr\$ 6.240,00.

MARITIMOS, PORTUARIOS E FERROVIARIOS DECIDEM:

Paridade Desde Julho ou Greve Geral no País

Cerca de 300 mil trabalhadores marítimos, portuários e ferroviários já decidiram, definitivamente, que entrarão em greve no próximo dia 8 de novembro, se até o dia 3 daquele mês os servidores autárquicos não tiverem os seus vencimentos equiparados aos dos militares, desde 1º de julho de ano corrente.

Enquanto articulam o movimento grevista em todo o território nacional, o Comando Geral da Luta pela Equiparação enviou a Brasília uma Comissão composta dos líderes Nelson Mendonça, secretário da Federação Nacional dos Marítimos; Nelson Batista de Oliveira, presidente do Conselho da União dos Portuários do Brasil e Geraldo Matos, secretário da Federação Nacional dos Ferroviários. Essa Comissão, que se encontra em Brasília desde a última segunda-feira, permanecerá na nova Capital até o dia em que for votada a equiparação entre os vencimentos dos servidores civis e autárquicos e os dos militares.

Os bancários cariocas conseguiram vencer em grande parte a intransigência patronal, conquistando um acordo

pelo qual receberão um aumento salarial de 35 a 30%, a partir de 1º de setembro último. O recuo dos banquei-

ros, abrindo mão de sua proposta inicial de um aumento puro e simples de 30%, evitou a deflagração da greve geral nos estabelecimentos bancários da cidade, que seria decretada na assembléia realizada na noite do último dia 13, na Automóvel Clube do Brasil.

de maioria dos empregados, ou seja, 71% deles, receberá um aumento que varia de 33 a 35%.

O acordo

O novo acordo, assinado no Tribunal Regional do Trabalho pelos srs. Orlandy Rubens Corrêa, presidente do Sindicato dos Bancos, e Aluizio Palhano, presidente do Sindicato dos Bancários, estabelece que os salários dos bancários serão majorados nas seguintes bases: sobre os salários de 6.000 a Cr\$ 9.000, aumento de 35%; de 9.001 a 12.000, aumento de 33%; e sobre os salários superiores a 12.000, aumento de 30%, sem teto. Os aumentos serão calculados sobre o valor dos salários resultantes do acordo firmado em 23 de setembro de 1959, compensados todos os aumentos espontâneos concedidos após a data da vigência do acordo anterior. Nenhum aumento resultante do novo acordo será inferior a 50% do salário mínimo vigente no Estado.

O secretário do Sindicato dos Bancários da Guanabara, sr. Antônio Pereira da Silva Filho, declarou à reportagem que o novo ajuste foi um dos mais importantes conquistados pelos bancários cariocas nesses últimos 10 anos. Essa afirmativa baseia-se no fato de que 48% dos empregados se beneficiarão do aumento de 35%, enquanto que 23% serão atingidos pelo aumento de 33%. Dêsse modo, a gran-

Organização

A vitória dos bancários cariocas foi conquistada através de um movimento organizado de baixo acima, tendo como base a organização das Comissões Sindicais em cada estabelecimento bancário. Essas Comissões, promovendo um intenso trabalho de propaganda, esclarecimento e arregimentação de classe em seus locais de trabalho, conseguiram manter os bancários unidos em torno do seu Sindicato, dando plena cobertura à ação da diretoria da sua entidade, que pôde enfrentar a intransigência dos patrões e conduzir a luta com êxito, até a conquista do atual acordo, que registra a maior porcentagem de aumento salarial conquistada pela categoria nesses últimos 10 anos.

Caminho aberto

Com a assinatura do acordo salarial dos cariocas, o caminho está aberto para a solução das reivindicações salariais dos bancários nos demais Estados, onde os banqueiros mantinham-se na expectativa, acompanhando a conduta do Sindicato dos Bancos da Guanabara. A CONTEC, entidade máxima dos bancários de todo o país, recomendou a todos os Sindicatos a ele filiados a promoção de assembléias gerais, a fim de ouvir a opinião dos associados sobre a possibilidade de um acordo com os banqueiros, tendo em vista o que foi firmado na Guanabara.

EM DEFESA DO NOVO SALARIO MINIMO

Sindicatos se Mobilizam Para a Greve Geral

Milhões de trabalhadores brasileiros terão a sua situação mais desafiada a partir do próximo mês, quando começarão a receber os novos níveis salariais decretados pelo presidente da República no último dia 15, e que entraram em vigor na data da sua publicação no «Diário Oficial».

Por outro lado, tendo em vista que alguns setores patronais pretendem opor resistências ao pagamento do novo salário, os trabalhadores começam a mobilizar suas forças para a decretação da greve geral, em defesa do ato do presidente da República.

Pelo decreto presidencial, os antigos níveis de salário mínimo foram elevados de 60% em todo o território nacional, em caráter de excepcionalidade.

O decreto foi assinado na manhã do dia 15 do corrente, no Palácio das Laranjeiras, em presença dos srs. João Goulart, vice-presidente da República; Batista Ramos, ministro do Trabalho; Ernani do Amaral Peixoto, ministro da Viação; Abelardo Jurema, líder da maioria na Câmara Federal; e de centenas de dirigentes sindicais de São Paulo, da Guanabara, de Minas Gerais e do Estado do Rio.

Pouco antes do presidente da República assinar o decreto estabelecendo os novos níveis salariais para todo o país, fizeram uso da palavra o líder gráfico Erico de Figueiredo Alvares, em nome dos trabalhadores cariocas; Clodismid Riani, em nome dos trabalha-

dores mineiros; e Sindulfo de Azevedo Pequeno, em nome das Confederações.

Caminho Sombrio

Também fez uso da palavra o ministro Batista Ramos, salientando os esforços dispendidos pelo Governo visando a encontrar um denominador comum entre empregados e empregadores, de modo a possibilitar o reajustamento salarial em bases satisfatórias. Referindo-se a intransigências de certos setores patronais, o ministro do Trabalho declarou: «no caminho que vamos afugura-se sombrio a perspectiva da paz social. Os lucros não têm limites legais, e a situação das massas trabalhadoras é cada vez mais desesperadora». O ministro Batista Ramos concluiu o seu discurso fazendo um caloroso apelo aos empregadores para que não criem dificuldades ao pagamento dos atuais níveis salariais.

Decreto por extensão

O presidente da República decretou os atuais níveis de salário mínimo para todas as regiões do país baseado no fato de que 18 das 22 Comissões de Salário Mínimo já haviam reconhecido a excepcionalidade para a revisão do salário entrado em vigor em janeiro de 1959. Apenas as Comissões da Guanabara, Bahia, Rio de Janeiro e Acre negaram-se a reconhecer a situação de emergência, determinada pela elevação brutal do custo da vida, para reajustar os salários antigos.

Baseado na decisão da maioria das Comissões, e na interpretação de tex-

tos da Constituição Federal e da Consolidação das Leis do Trabalho, o presidente da República resolveu estender o aumento de 60% a todas aquelas regiões em que a excepcionalidade não foi reconhecida, em virtude da intransigência da bancada patronal.

Campanha pelo pagamento

Embora o salário mínimo tenha sido elevado de 60%, quanto bastante inferior a elevação do custo da vida nestes últimos 22 meses, em todas as regiões do país, sabe-se que os empregadores, notadamente os da Guanabara, Bahia, e Estado do Rio, pretendem recorrer à Justiça numa tentativa de sustar o aumento salarial nos referidos Estados.

A resistência dos empregadores em cumprir o decreto presidencial poderá, entretanto, provocar a deflagração de uma greve geral que se estenderá a São Paulo e Minas Gerais, cujos trabalhadores ocorrerão em solidariedade aos seus companheiros cariocas, fluminenses e baianos.

Greve na Guanabara

A propósito do assunto nossa reportagem ouviu os líderes sindicais cariocas Benedita Cerqueira, metalúrgico; Orlando Maurício Scancelli, eletricitista; Jaime Correia, comerciante; José do Amaral Meneses, marceneiro; Adalberto Rodrigues, alfaiate; e numerosos outros que se declararam decididos a conduzirem o greve geral no Estado, se os empregadores se negarem a cumprir o decreto presidencial, que não

chega nem a restituir o antigo poder de compra dos trabalhadores cariocas.

Solidariedade nos Estados

O líder sindical paulista Luis Menossi, presidente do Conselho Sindical de São Paulo, declarou à reportagem que os trabalhadores paulistas continuarão mobilizados e prontos a acorrerem em defesa dos seus companheiros cariocas, caso estes venham a decretar a greve pelo recebimento do novo salário.

Clodismid Riani, presidente do Conselho Sindical de Minas Gerais, também salientou à nossa reportagem que os trabalhadores mineiros não faltarão com o seu apoio aos cariocas, fluminenses e baianos na luta que venha a ser travada pelo recebimento do novo salário.

Assembléia monstro

Já prevendo uma possível reação negativa dos empregadores cariocas, os líderes sindicais guanabarrinos voltaram a se reunir numa assembléia-monstro, no próximo dia 22, às 19 horas, no Palácio do Metalúrgico, onde apreciarão a conduta das entidades representativas dos patrões e adotarão todas as medidas destinadas ao rigoroso cumprimento do decreto presidencial que instituiu os novos níveis de salário mínimo em todo o país. A assembléia contará com a presença de representantes de todas as Confederações de Trabalhadores, e de dirigentes sindicais paulistas, mineiros e fluminenses.



Campanha vitoriosa

Os bancários cariocas lutaram nos locais de trabalho, na sede do Sindicato e nas ruas, empunhando-se com todo o entusiasmo na campanha salarial vitoriosa. Na foto, uma das passeatas realizadas na cidade.

Entrevista Mostrou Jânio Fiel Aos Trustes Mas Com Medo do Povo

Uma simples vista d'olhos sobre os comentários que a imprensa dedicou à entrevista-plataforma dada por Jânio, quinta-feira passada, em São Paulo, revela a impressão de dubiedade e vacilação deixada pelo presidente eleito. O «Estado de São Paulo», depois de apresentar a entrevista como uma demonstração de «prudência e habilidade», afirma em seu comentário ao assunto que «o sr. Jânio Quadros não adiantou muita coisa do que será sua política», e «limitou-se a repetir, com mais prudência que quando de suas manifestações como candidato, suas opiniões sobre alguns dos mais importantes problemas do país».

Já o «Jornal do Brasil», no editorial em que comenta a entrevista, afirma que a impressão deixada por Jânio é a de que «no fundo, as linhas gerais de sua política não diferem das seguidas pelos presidentes brasileiros, de 45 até hoje». E o comentarista Domar Campos, em «Última Hora», observa que a preocupação de Jânio, na entrevista, foi alimentar a esperança de todos, «da direita e da esquerda», em sua política.

Em tudo isso há um pouco de verdade. Jânio realmente se apresenta como um «continuador» de Dutra e Juscelino, no que estes tiveram de governos dominados pelos «grupos de pressão» do poder econômico; mas ele também está preocupado com o sentido da votação popular que recebeu. Daí o seu empenho em falar pouco, em fazer jogo de palavras e procurar sempre a expressão menos dura, dúbia, que lhe permita «manter a esperança» de todos. Quer conservar-se fiel aos interesses reacionários que o financiam, mas não está — pelo menos ainda — decidido a contrariar frontalmente a expectativa dos milhões de brasileiros que votaram nele esperando uma mudança, para melhor, nos métodos de governo.

Fidelidade aos trustes

A fidelidade de Jânio aos interesses entreguistas que promoveram a sua eleição se revela em alguns pontos fundamentais da entrevista. Por exemplo, na questão da reforma do sistema de câmbio e do chamado «confisco cambial».

Este foi um dos pontos básicos da propaganda eleitoral de Jânio, e também é, há vários anos, o principal «item» das exigências feitas ao governo brasileiro pelos imperialistas norte-americanos, tanto em negociações diretas, como através do Fundo Monetário Internacional. Consiste, por um lado, na eliminação dos controles do Estado sobre o mecanismo cambial, para que este fique inteiramente en-

tregue à voragem dos grandes grupos de negócios norte-americanos que dominam o nosso comércio exterior, e para que o campo fique inteiramente livre para as empresas estrangeiras no país remeterem seus lucros para o exterior; e, por outro lado, na concessão de mais cruzeiros por cada dólar arrecadado pelos exportadores de café, de assim não pagarão nem uma mínima parte das escandalosas subvenções que recebem do governo federal.

A este esquema cambial do FMI os economistas a soldo do imperialismo chamam de «câmbio livre», «câmbio verdadeiro», «eliminação da multiplicidade de taxas», e outros eufemismos semelhantes. Na verdade, ele representa o inteiro controle das receitas de divisas do país por grupos econômicos estrangeiros, particularmente norte-americanos. Foi aplicado, por pressão lanque, através do FMI, na Espanha, na Argentina, no Chile e em outros países. Na vizinha Argentina, mais próxima, o povo brasileiro tem tido notícias mais frequentes das consequências dessa capitulação ao imperialismo: a brusca diminuição da produção industrial do país, o desemprego, um surto sem precedentes de carestia, e acabando na entrega do petróleo, na ameaça constante de guerra civil e na ditadura militar reacionária.

Interpelado sobre o assunto, em sua entrevista de São Paulo, Jânio ainda tentou tergiversar. «Nunca falei em extinção do confisco cambial, mas sim em supressão», disse ele, procurando confundir, como se houvesse uma diferença muito importante entre as duas palavras. Procurou também embaralhar, pela mistificação, o seu objetivo de satisfazer ao FMI, afirmando que vai restabelecer «a verdade» cambial.

Apesar de todas essas «manobras hábeis», no entanto, Jânio deixou claro que é contra a «multiplicidade de taxas», e que se dispõe a promover, tão cedo quanto possível, «através de medidas progressivas», as reformas preconizadas pelo FMI.

A partir dessa promessa de reforma cambial ficam desde já invalidadas duas outras afirmações de Jânio, em sua entrevista: a de que pretende instituir um controle das remessas de lucros das empresas estrangeiras, e a de que se dispõe a promover a intensificação do comércio exterior brasileiro com os países socialistas. São providências inteiramente contraditórias. É impossível qualquer controle das remessas de lucros num regime de «câmbio livre». E este regime, da mesma forma, entrava o desenvolvimento do comércio com os países socialistas, os quais por sua própria

organização econômica, só podem manter trocas estáveis e em volume considerável através do sistema de câmbio oficial, em operações de governo para governo.

O próprio Jânio, aliás, não pôde escapar a essa contradição. Em sua campanha eleitoral ele falava, com objetivos demagógicos, em «reconhecimento da China Popular» e em reatamento das relações diplomáticas com a União Soviética. Agora, em sua entrevista, ele apenas «não excluiu» a possibilidade de «relações comerciais» com a China, e nem sequer quis falar em relações diplomáticas com a URSS: fugiu à pergunta que lhe fizeram, sobre isso, afirmando que «se trata de problema de política externa que resultará da ação conjunta do futuro governo». Já estamos muito longe das «ousadias» da campanha eleitoral.

Política externa

Na questão da política externa essa contradição entre as afirmações demagógicas de Jânio e seus compromissos com o imperialismo são ainda mais evidentes. Em determinada altura da entrevista Jânio afirmou que dará ao país uma política externa de independência e soberania, e chegou a dizer que «o Brasil tem a sua tradição de anti-imperialismo e anticolonialismo», e que ele manterá essa tradição, em seu governo. Pouco antes, entretanto, ele afirmara que «cumprirá as obrigações que o país contraiu frente a OEA». São coisas inconciliáveis. Os compromissos com a OEA são por excelência os intrínsecos da dominação imperialista dos Estados Unidos na América Latina. Um deles, por exemplo, é o Tratado do Rio de Janeiro, à base do qual foi feita a entrega da ilha de Fernando Noronha aos imperialistas lanques — entrega que o mesmo Jânio muitas vezes criticou, em sua campanha eleitoral. Só um simplório, ou um hipócrita, poderia afirmar as duas coisas ao mesmo tempo. E Jânio nada tem de simplório.

Não há um só ponto de sua entrevista em que Jânio não mostre essa vacilação entre as duas forças que o elegeram: os que o financiaram, e os que nele votaram. Sobre Cuba, por exemplo, quis fazer nova declaração, aludindo apenas a dois discursos pronunciados no Rio; mas já sobre a Argélia, onde a posição dos Estados Unidos é menos definida, tomou ânimo e — mesmo já havendo falado sobre o assunto durante a campanha — fez nova e «corajosa» declaração de apoio à luta do povo argelino. A questão da reforma agrária é outro exemplo. Durante a campanha,

no CONCLAP, Jânio afirmou, claramente, que entende a reforma agrária como um sistema de subvenções oficiais ao latifúndio improdutivo, para que este «tenha condições» de produzir. Já na entrevista ele foi menos incisivo, mas não desmentiu a posição anterior: encobriu-a num malabarismo verbal, ao afirmar que aplicará «qualquer medida que objetivo o aproveitamento do latifúndio improdutivo». E a mesma coisa, só que dita de modo mais «hábil».

Prestes com a razão

A entrevista de Jânio confirmou assim que Prestes tinha razão, ao definir a posição dos comunistas sobre as eleições, na edição passada de NOVOS RUMOS. Jânio está entre dois fogos, preso aos seus compromissos com as forças mais reacionárias e entreguistas do país, mas ao mesmo tempo consciente de que não poderá impunemente ir contra a vontade dos milhões de brasileiros que votaram nele, com base em suas promessas. Está nas mãos do próprio povo brasileiro, através da pressão que exerce sobre o futuro governo, resolver a seu favor essa grande contradição que se manifesta na vitória de Jânio.

Lott Prega a Continuação Até a Vitória Final da Luta Nacionalista

Vários pontos de grande importância ressaltam do manifesto divulgado segunda-feira última pelo marechal Lott sobre as eleições segundo o candidato nacionalista, a campanha eleitoral serviu para mostrar ao país a ação nefasta dos grupos econômicos, bem como o processo de mobilização que empolgou a opinião pública nacional, para a vitória próxima e final das causas nacionalistas. O marechal denuncia a demagogia de Jânio, cuja campanha «contra a carestia» foi financiada pelos mesmos grupos econômicos que se beneficiam com a alta do custo de vida, e proclama a necessidade de uma reforma do regime, de maneira a que se impeça que as eleições sejam apenas «campo de demonstração da influência eleitoral do poder econômico».

E o seguinte, na íntegra, o manifesto do Marechal Lott:

«Outro objetivo não me arrastou à campanha que vem de ser encerrada, senão servir à democracia e aos interesses supremos do País. Minha candidatura surgiu exatamente para atender aos reclamos de importantes forças políticas e populares. E não foi sem relutância, e sem sugerir mesmo, antes e depois de candidato, outros nomes de eminentes brasileiros, que acedi em ir às urnas.

A árdua luta em que me empenhei, não somente me trouxe a possibilidade de conhecer e admirar excelentes companheiros, como serviu para revelar ao País, em toda a sua extensão, a nefasta influência eleitoral do poder econômico, que me coube enfrentar e combater. Tivemos de lutar denodadamente para encontrar os escassos meios de propaganda de nossa candidatura e de divulgação das idéias e propósitos de nossa campanha.

Processos divisionistas criaram

Panorama O Governo Ainda é do sr. Kubitschek

Passada a eleição, o interesse da opinião pública ficou centralizada em torno de uma hipótese: o que Jânio vai, ou não vai fazer. Em parte alimentada pelo clima de «suspense» em que o próprio Jânio procura manter as gestões preliminares à sua posse, essa curiosidade em torno do futuro governo acabou por dominar as discussões nas ruas, nos sindicatos, nos lares, em toda parte.

A coisa chega ao ponto de muitos já esquecerem que existe um governo no poder, e que este governo ainda tem três meses de vida pela frente. Em particular, parecem esquecer que precisamente durante esses três meses o país atravessa uma onda de carestia assustadora, e que uma série de medidas urgentes se impõe, dentro das atribuições e das possibilidades desse mesmo governo que aí está, no sentido de atenuar as dificuldades de vida da população.

O exemplo da conquista dos novos níveis de salário mínimo ilustra bem as possibilidades que se oferecem às lutas dos trabalhadores, ainda durante o atual governo. Desde que o movimento sindical em todo o país mostrou-se unido na defesa dessa reivindicação, e provou estar disposto a ir à greve geral, se prosseguisse a campanha de proteções e sabotagens à revisão salarial, o governo do sr. Kubitschek viu-se obrigado a firmar o decreto de aumento.

Agora trata-se de impedir que essa conquista dos trabalhadores seja anulada pela voragem dos preços. A cada aumento de salários tem correspondido um aumento igual, ou mesmo superior, em poucos meses, dos preços das mercadorias, uma vez que a grande maioria dos comerciantes fica apenas à espera do decreto governamental para forçar um novo salto no custo de vida. Favorecidos pelo acréscimo no poder de compra da população, e não tendo a temer qualquer repressão oficial, os sindicatos de tubarões ficam assim livres para multiplicar seus lucros, e para desmoralizar, aos olhos do povo, a luta pelo aumento de salários.

Cabe aos trabalhadores lutar para que essa máquina infernal, que está azeitada para funcionar também desta vez, seja pelo menos embarcada pela ação do governo. Sem a contenção dos preços, o aumento do salário mínimo não serve senão para recuperar, durante alguns meses, ou dias o poder aquisitivo dos trabalhadores, devorado pelos aumentos de preços anteriores.

Outras lutas esperam os trabalhadores, ainda no governo Kubitschek. O reajustamento geral dos salários, com base no novo salário mínimo, a transformação em lei do projeto de paridade de vencimentos entre funcionários civis e militares, a aprovação de uma lei sobre o direito de greve, que atenda aos interesses da classe, são algumas delas.

Interessando de perto aos trabalhadores, mas também a todo o movimento nacionalista e democrático, existem igualmente muitas reivindicações a serem exigidas do sr. Kubitschek e seu governo. Não há razão alguma para que se deixe para o próximo governo e não se exija deste que aí está, por exemplo, o reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética, ou a adoção de uma política não subserviente ao Departamento de Estado lanque, em relação ao povo cubano.

A atenção e o empenho do movimento nacionalista e popular estão sendo da mesma forma solicitados pelos trabalhos do Congresso Nacional, nos próximos meses. Diversos projetos, de grande interesse para o país e para o povo, estão sendo discutidos ali: a lei de diretrizes e bases da educação, a de anistia para os crimes políticos, a de reforma do Art. 58 da Lei Eleitoral, a de nacionalização das carteiras de depósito dos bancos estrangeiros, etc. A pressão dos nacionalistas e democratas poderá ser fator decisivo para a sua aprovação, ainda este ano. Como se vê, o assunto ainda é o governo Kubitschek. Chegara, a seu tempo, a vez de saber o que Jânio vai ou não fazer de sua vassoura.

Renato Arena



De demagogo a acrobata

Preso a compromissos com o que há de pior em matéria de entreguismo e reação no país, mas ao mesmo tempo preocupado com o sentido popular e nacionalista da votação que recebeu de milhões de trabalhadores, Jânio mostrou em São Paulo que está disposto a fazer acrobacias espetaculares, para não romper a contradição arrastada em sua vitória.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Em seu livro sobre o comício da Idade Média na Alemanha, Franz Mehring alude à tragédia dos cavaleiros andantes, que viajavam, como a pequena burguesia de hoje, entre a defesa dos interesses das classes exploradas e das classes exploradoras. Está o sr. Jânio Quadros mais ou menos nesse caso, o que se pode admitir sem estabelecer muita analogia entre ele e D. Quixote. Isto seria ofender tremendamente o Engenheiro Fidalgo. Seria talvez mais errado que nivelar o Rochante a um cavalo de pau, feito com cabo de vassoura.

Quais serão os reflexos de uma tragédia na personalidade de um homem como o sr. Quadros? Al está um tema apaixonante, desafiando a perspicácia de políticos, sociólogos, ensaístas e médicos de várias especialidades.

Na verdade, é inócuo a posição do modesto Falstaff de Mato

Grosso. Como poderá ele agradar nossos bons vizinhos de Wall Street, fazer a política dos plutocratas da velha e da nova classe de São Paulo e ao mesmo tempo não desiludir nem revoltar milhões de brasileiros que votando em seu nome acreditavam que vasculharia tanta sujeira acumulada?

Não são poucos os heróis de Cervantes e Shakespeare que andam por aí assustados. A inquietação lava mais forte, por sinal, entre donos, interessados, colaboradores e assalariados da vitória de 3 de outubro. A eles, aos vencedores, as batatas!

Que vimos na primeira entrevista do sr. Jânio Quadros? Respostas reticentes, extraídas a gancho em frases polidas. Um comício de fuga de abandono de compromissos. Um demagogo encaixado muito contrafeito sob os jatos de luz forte das gambiarras.

Os que se attingem entre as mais atroz aperturas, no entanto, são os fulgurantes senhores das cúpulas da UDN. Alguns deles querem sepultar, com sete palmos de terra, o partido da eterna vigília. Outros pretendem, conforme está em moda dizer-se, dinamizá-lo. Na verdade, a 3 de outubro a UDN perdeu a cartola mágica da oposição. Não mais poderá tirar coelhos dessa cartola e no mesmo tempo não passa a ser governo. O novo dono da bola é homem que não dá cartaz a ninguém. Nos comícios já avisava que não tinha compromisso com os partidos.

É a grande questão que se apresenta aos vencedores de 3 de outubro: impedir que os eleitores do campo nacionalista e os que votaram por engano em Jânio Quadros se apresentem unidos em plebiscitos futuros e nas lutas do dia a dia por uma efetiva mudança da situação.

Romano Fecha os Olhos Enquanto o Preço da Carne Sobe Sem Parar

O sr. Guilherme Romano, presidente da COFAP, engavetou o processo do chamado problema de preços da carne depois de determinar uma liberação de falo dos quartos dianteiros do boi, de onde se extraem os tipos de carne de segunda e terceira qualidade, que passaram a ter uma única classificação, de segunda, que estavam tabelados. Engavetado o processo, o assunto não chegou a ser discutido no Plenário da COFAP e a liberação foi feita pelo próprio sr. Romano, pelo seu conhecido sistema de fechar os olhos ao «câmbio negro».

Como resultante dessa desastrosa política de preços, que somente está interessando aos atacadistas e ao presidente da COFAP, a carne de segunda não mais se encontra no mercado de varejo, pois passou a ser vendida como contrapêso da de primeira, que já está sendo comercializada dentro de uma

faixa de Cr\$ 170,00 a Cr\$ 300,00 por quilo. Nos chamados «mercados dos produtores», organizados pelo Conselho Coordenador do Abastecimento, órgão da Presidência da República, onde o produto é vendido pelos atacadistas, diretamente ao consumidor, a carne bovina subiu de Cr\$ 120,00 para Cr\$ 135,00 por quilo.

Os preços já ultrapassam, pois, os limites do suportável, segundo declarou um dos técnicos do C.C.A., em parecer ao presidente da COFAP.

Essa política não interessa aos consumidores, que deixaram de adquirir as quotas habituais de carne, e necessárias ao organismo humano, como alimento plástico, fornecedor de proteínas. Deixou de interessar, também, aos açougueiros, cujos negócios estão sendo reduzidos, pela retração dos consumidores e a conseqüente queda da con-

sumo em quase cinquenta por cento. Quais são, pois, seus aproveitadores?

Atacadistas

Não são outros senão os atacadistas que, vendendo os quartos dianteiros do boi no «câmbio negro», obtêm duas vantagens: lucro excessivo, porque fixam os preços que bem queiram e entendem; (atualmente estão cobrando entre Cr\$ 70,00 e Cr\$ 90,00 por quilo do «dianteiro» que é tabelado a Cr\$ 39,00 no Estado da Guanabara e Cr\$ 38,00 em São Paulo e Belo Horizonte) e sonegação de impostos.

Ora, se existe uma tabela de preços da COFAP, oficialmente em vigor, os atacadistas pagam impostos, legalmente, calculados sobre o preço oficial. E não fazem qualquer declaração da parte que recebem «por fora» dos açougueiros.

Que interesse tem o sr. Romano de permitir esse sistema de negócio? É realmente suspeito. O presidente da COFAP protege os atacadistas contra os consumidores e ainda promove a sonegação de impostos aos cofres da Nação.

Recentemente, quando alguns reporteres lhe perguntaram que solução iria dar ao problema da carne, respondeu: «A coisa vai bem, estou agora preocupado em «acertar» a escrita da COFAP, estava tudo desorganizado». Não explicou, entretanto, que coisa é que vai bem.

E enquanto o sr. Romano age assim, como delegado dos atacadistas de carne na Presidência da COFAP, o ministro do Trabalho se omite e nenhuma providência determina para fazer funcionar um órgão que é subordinado ao seu Ministério.



Para a menina pobre, com o rosto refletido no espelho da balança, a frase está precisando ser completada. Não apenas "é proibido tocar na carne", como é proibido comê-la. Com o quilo de carne a 200 cruzeiros, milhões de lares brasileiros estão enagidos a aderir ao vegetarianismo. Ou estão simplesmente condenados à fome.

É proibido comer carne

Seminário de Estudos Sobre a Revolução Cubana

Belo Horizonte (do Correspondente) — Sob o patrocínio do Diretório Central de Estudantes da Universidade de Minas Gerais iniciou-se no dia 10 último, o Seminário de Estudos sobre «A Revolução Cubana». Arnaldo Murthé, ex-vice-presidente da U.N.E., falou naquela oportunidade sobre sua recente viagem ao país de Fidel Castro. Grande foi o número de estudantes, intelectuais e operários que compareceu à sede do D.C.E., travando-se, após o término da palestra, vivo debate.

Nesse mesmo dia inaugurou-se a exposição volante sobre Cuba, constando de fotografias e dados estatísticos sobre a revolução cubana. Esta exposição volante correrá todas as faculdades de Belo Horizonte, nas quais, paralelamente, serão realizadas conferências sobre os mais diversos pro-

blemas da terra de José Martí. Assim, na Faculdade de Arquitetura serão debatidos os planos de urbanismo que estão sendo levados a efeito em Cuba; na Faculdade de Medicina serão objeto de análise os planos de assistência médica; na de Ciências Econômicas, a Reforma Agrária empreendida pelo I.N.R.A.

O seminário encerrar-se-á com um júri simulado na Faculdade de Direito do U.M.G.

Manifesto de solidariedade

Apresenta já um grande número de assinaturas o manifesto de solidariedade à declaração de Havana, que está correndo nos meios intelectuais, estudantis e operários de Belo Horizonte.

Sindicatos Exigem a Prorrogação da Lei do Inquilinato

As Confederações Nacionais dos Trabalhadores recomendaram a todas as entidades sindicais a elas filiadas que enviem telegramas aos líderes de todos os partidos, representados na Câmara Federal, solicitando-lhes a prorrogação imediata da Lei do Inquilinato.

Essa decisão foi adotada na reunião intersindical realizada na noite do dia 12 último, na sede do Sindicato dos Comerciantes da Guanabara, e que contou com a participação dos srs. Deoléciano de Hollanda Cavalcanti, presidente da CNTI; Angelo Parmigiani,

presidente da CNTC; Sindulfo de Azevedo Pequeno, presidente da SNTTI; Osmildo Stafford, secretário da CONTEC; Othon Canedo Lopes, presidente do Sindicato Nacional dos Aeroaviários; além de centenas de dirigentes sindicais cariocas e fluminenses, e de uma comissão de líderes de São Paulo, composta pelos srs. Dante Pelaccani, José Bustos e Antônio Dozo.

Comissão a Brasília

Ficou decidido, por outro lado, que se organize uma Comissão de Dirigentes sindicais de vários Estados para se dirigir a Brasília e transmitir pessoalmente, aos líderes das bancadas na Câmara, o apêlo dos trabalhadores brasileiros para que seja prorrogada a Lei do Inquilinato.

Exposição de Portinari em Praga

Uma nova exposição de obras de Portinari foi inaugurada recentemente em Praga, onde o artista brasileiro, Prêmio Internacional da Paz, conta grande número de admiradores.

O primeiro vice-ministro da Ensino Público e Cultura, V. Kristek, falando sobre a mostra, disse tratar-se de uma importante contribuição para o estreitamento dos laços culturais entre o seu país e o Brasil.

Na exposição, que é a terceira que Portinari realiza na Tchecoslováquia, figuram 60 quadros do artista, correspondentes quase todos ao último período de suas atividades.

CHINA

REVISTA ILUSTRADA

em cores
Uma festa para seus olhos em todas as bancas ou na
AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL
R. dos Estudantes, 84 — s/28
SAO PAULO

Número Avulso — Cr\$ 35,00
Assinatura anual — 650,00
Visite-nos!
Os pedidos de assinaturas devem ser acompanhados de cheque ou vale postal.



Carestia empurra para o morro

O alto preço dos aluguéis de casas e apartamentos, principalmente para os recém-casados e os que chegam de outros Estados, é uma constante pressão para o aumento da população que vive em favelas. Os jornais andam cheios de anúncios de apartamentos vazios, que assim continuarão por muito tempo, pois os seus preços são proibitivos.

Jânio Repete Frondizi e Pedes Que o Povo Passe Mais Fome

«Sei que nos primeiros meses de meu governo não agradarei a muitos, inclusive aqueles que me apoiaram; sei que sacrificarei até minha popularidade; mas garanto que ao deixar a Presidência terei o reconhecimento até dos que me combateram».

Com esta declaração típica do «frondizismo», Jânio mostrou em São Paulo, na noite de terça-feira última, em nova entrevista à televisão, que está com o dedo no galinha para impor ao Brasil o chamado programa de «austeridade» adotado pela Argentina, por pressão dos imperialistas norte-americanos.

Por coincidência, talvez, ou por padronização das instruções do Fundo Monetário Internacional, alié nas palavras Jânio repete Frondizi. Este fez, com efeito, também logo depois de eleito, declarações minuciosamente iguais. Apenas acrescentava um prazo: «dois anos de austeridade» — dizia. Mas este prazo já foi igualmente fixado pelo governador Carvalho Pinto, em declarações feitas à imprensa na segunda-feira última. Afirmou êle que Jânio tem um programa de dois anos para a «recuperação das finanças» do país.

O sentido das declarações de Jânio é claro. Em vez de ameaçar os

lubarões e os grupos econômicos que engordam à custa do povo; em vez de programar para os milionários e imperialistas medidas de austeridade, êle volta-se e contra o povo, já sacrificado, e o ameaça com medidas de privação. Outra não pode ser o sentido de sua previsão de que «sacrificarei até a minha popularidade». Qualquer medida que êle tomasse contra os trustes e lubarões, e não contra o povo, aumentaria a sua popularidade, ao contrário de diminuir-la.

Jânio está assim, desde logo, preparando o terreno para uma política de governo antipopular. É a política «tradicional», dilada pelo FMI a mando de Washington: liberdade para a especulação cambial dos trustes ianques, em vez do rígido controle das divisas estrangeiras em benefício do desenvolvimento do país; contenção de salários, em vez de contenção dos preços; combate ao crédito industrial, em vez de promoção da industrialização. E, como conseqüência, o desemprego, a miséria das massas, a ditadura dos trustes.

Ameaça ao Congresso

A entrevista de Jânio à TV, completando a outra, dada quinta-feira

passada à imprensa, foi claramente preparada pelo próprio entrevistado, com o objetivo de retificar e reforçar certas posições, em face da evolução dos acontecimentos políticos. E nesse sentido que deve ser entendida a ameaça indistinta que fez ao Congresso, apontando-lhe o caminho do «descredito» e do fechamento, e a «mão estendida» que ofereceu a Jango, prometendo-lhe «respeito» e afirmando como mantém com êle boas relações.

Jânio revela assim a sua preocupação com os movimentos de oposição e resistência que se articulam no Congresso e no PTB, em relação ao seu governo. Alegou êle que essa hostilidade é «gratuita», pois ainda nem sequer tomou posse. Mas a sua própria evolução de candidato a presidente eleito prova que não o é. Candidato, êle prometeu o paraíso e mais alguma coisa para o povo. Já na primeira en-

trevista à imprensa, como eleito, ficou «prudente e hábil», evitando compromissos. Na segunda, já promete abertamente maiores sacrifícios para o povo. O povo já espera a terceira declaração de Jânio, com a mão no bôlso e no estômago.

Uma oferta de qualidade!

Seja nosso representante na cidade onde reside. Assinaturas e venda avulsa de revistas soviéticas e chinesas. Venda de livros sobre economia, filosofia, política, história, educação, medicina, direito, psicologia, eletricidade, etc. Interessa a AGÊNCIAS DE LIVROS E REVISTAS, REVENDEDORES, ESTUDANTES DE ESCOLAS SUPERIORES, etc.

Escreva-nos, hoje. Comissões compensadoras.

Jurandir Guimarães

Agência Intercambio Cultural
Rua dos Estudantes, 84 - sala 28
Telefone: 37-4883 — São Paulo.

2004 — revista da Petrobrás

Recebemos e agradecemos o primeiro número da revista mensal ilustrada (referente a setembro) «2004», editada pela Associação dos Empregados da Petrobrás. Não é, portanto, um órgão oficial daquela empresa. E é, por isso mesmo, como publicação não técnica, não especializada, destinada ao grande público. O objetivo de seus fundadores parece ser justamente êste: criar uma revista de ampla circulação que contribua para dar a conhecer as iniciativas da Petrobrás a leitores que não suportariam ler relatórios recheados de cifras. E pelo menos neste primeiro número de 2004 estão em bom caminho. Apresentam em sua revista uma colaboração variada, algumas assinadas por nomes conhecidos nos meios intelectuais, como o professor Hermes Lima (Significação política do nacionalismo), Nelson Werneck Sodré (Os heróis do Petróleo), Augusto Meyer (João Ribeiro ensaísta e crítico), além de poemas de J. G. de Araújo Jorge e Murilo Araújo, crônica de Antônio Maria, além de outras produções de interesse.

A revista se distingue pela variedade de seções, inclusive reportagens referentes às atividades atuais da Petrobrás, além de trabalhos de divulgação científica, como o que trata da propulsão a jato (artigo de Cláudio Freire).

São diretores de 2004: Ennor de Almeida Carneiro, João Batista de Almeida Carneiro e Antônio Luís Olivieri Pereira.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves

Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe
Fragmon Borges

Secretário
Luiz Fernando Cardoso

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redatores

Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1713 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103
Tel: 37-52 64

Enderço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 250,00
Semestral > 130,00
Trimestral > 70,00
Aérea anual, mais Cr\$ 200,00;
semestral, Cr\$ 100,00; trimestral Cr\$ 50,00.

Número avulso Cr\$ 5,00

Número atrasado > 8,00

Notas Sobre Livros

"Noite e Esperança"

São muito poucos, na novelística brasileira, os autores que buscam explorar o filão romanesco, tão rico de dramáticos conflitos...

Tive oportunidade de ler Noite e Esperança quando acabava de ser escrita, e uma segunda leitura, realizada agora, não fez senão confirmar o juízo que externei então...

A matéria da narrativa é bastante reduzida, extraída de um fato comum se bem que monstruoso, e seu desenvolvimento se processa num plano único, uniforme, sem desvios, sem superfidelidades...

As cenas de espantamento a que é submetido João Luiz, com inerte brutalidade, são narradas com aguda senso realista, em seqüências de extrema tensão, sem contudo descambarem na fácil descrição do horror pelo horror...

A resistência física de João Luiz faz-nos lembrar Júlio Fuchik, o herói tcheco suplido pelos verdugos nazistas, em 1943. Com uma diferença, bem entendido: Júlio Fuchik, dirigente comunista, como tal colocado em pósto de comando da Resistência...

Astrojildo Pereira

MORREU UM GRANDE CIENTISTA BRASILEIRO

ZDENEK HAMPEJS

Prof. Visitante da Fac. Nac. de Filosofia da Univ. do Brasil

Serafim da Silva Neto, que morreu no dia 23 de setembro, foi a maior figura da geração moça no campo da filologia neolatina no Brasil...

Morreu cedo, aos 43 anos. Num constante pressentimento da morte, torturado por doenças traçoelares, trabalhava às carreiras...

Quem conheceu a biblioteca do saudoso Professor, pode ter uma idéia sobre a vasta cultura desse extraordinário homem de ciência.

Numa vida curta o Prof. Serafim da Silva Neto deixou uma grande produção científica, que se ocupa, sobretudo, do latim vulgar, da história do idioma português...

Se em primeiro lugar nomeamos o latim vulgar, é justamente por ter o Professor Serafim iniciado a carreira científica por ele. Ainda estudante da Faculdade de Direito de Niterói...

O interesse do Prof. Serafim pelo latim vulgar manifesta-se também em outros trabalhos, p. ex., em sua obra mais extensa, História da Língua Portuguesa...

Esta obra é a única no gênero no Brasil e em Portugal. Apresenta a história da língua portuguesa, de-

dicando atenção, particularmente, à sua pré-história — ao latim vulgar, enquanto que o próprio português é estudado só numa parte relativamente pequena desta obra...

Uma grande significação sobretudo bibliográfico-informativa, tem também o Manual de Filologia Portuguesa (1952, 2ª ed. 1957), que apresenta uma história da filologia portuguesa...

De grande alcance são os trabalhos que versam sobre o português do Brasil, especialmente a Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil (1950, 2ª ed. 1951)...

A publicação de textos arcaicos foi uma das tarefas a que se dedicou com grande carinho Serafim da Silva Neto. Na sua obra Textos medievais portugueses e seus problemas (1956)...

Depois do Prof. Antenor Nascentes foi Serafim da Silva Neto o segundo romancista brasileiro cujo nome e obras se tornaram conhecidos na Europa...

Dois Universidades do Rio de Janeiro — a Universidade do Brasil e a Universidade Católica, onde ele lecionava — perderam um dos seus mais eminentes professores...

1955, seu diretor e assíduo colaborador. Um grande cientista, um grande pedagogo, um grande organizador da vida científica...

Tópicos Típicos

Regozijando-se com o resultado das eleições e com o que considerou «a derrota dos nacionalismos» (?), o nosso velho Gustavo Corção adverte, contudo, que não está entusiasmado...

«Um comunista, outro dia, espantava-se de minha falta de entusiasmo. É bafo, Corção. Você sabe muito bem que um comunista digno deste nome jamais se espantaria de coisa alguma em você».

Segundo notícias do JORNAL DO BRASIL de 14-10, o ex-presidente norte-americano Truman acusou o atual, Eisenhower, de favorecer os comunistas...

— Você está agindo como um homem de bem, seu canalha!

Atribuem-se ao sr. Gilberto Freyre, possível futuro ministro de Jânio Quadros, certas declarações que não o honram. De acordo com tais declarações, muito no estilo de Inocêncio, o ilustre sociólogo teria justificado sua oposição eleitoral ao marechal Loti alegando que o marechal era um homem «sem defeitos» e, exatamente por isso, «falto de humanidade»...

Aliás, aqui entre nós, esse critério segundo o qual o que importa é o homem presta-se melhor para jovens casadoiras na escolha do marido do que para um intelectual numa opção política.

Diálogo ouvido num bonde: — Fidel Castro está matando mais gente. — Ora, meu velho, Cuba tem que se defender. E além disso, Fidel não mata; só faz os furinhos — quem mata é Deus.

Conta-nos um amigo que, durante a campanha eleitoral de Lacerda, num dos muitos programas que fez na TV-Rio, o candidato da UDN foi levado por alguns circunstâncias e fugiu, assustado, entrando pela primeira porta que encontrou aberta — que era a do tóilette de senhoras...

— Tem gente...

Fala-se na designação do escritor Fernando Sabino para dirigir o trânsito na Guanabara, sob o governo Lacerda. O jornalista Mário Morel, Candidato à Constituinte pela UDN, não se alegrou e teve um filho.

A vida tem suas ironias. Estes fatos, ditos assim de repente, passariam por plausíveis. Mas o leitor, se quiser, pode verificar se são ou não absolutamente verdadeiros.

Pedro Severino

EM CIRCULAÇÃO O N. 9 DE «ESTUDOS SOCIAIS»

Estará em circulação, na próxima semana, nas bancas do Rio e de São Paulo, o n.º 9 de «Estudos Sociais».

Neste seu número mais recente, a conhecida revista de orientação marxista se inicia com um artigo de Jacob Gorender, que analisa os resultados do V Congresso dos comunistas brasileiros, examinando as tendências em confronto e a linha política geral aprovada pelo Congresso...

Dois estudos econômicos de grande atualidade figuram no n.º 9 de «Estudos Sociais». De autoria de Josué de Almeida é o trabalho sob o título «Decadência dos trustes estrangeiros de eletricidade no Brasil»...

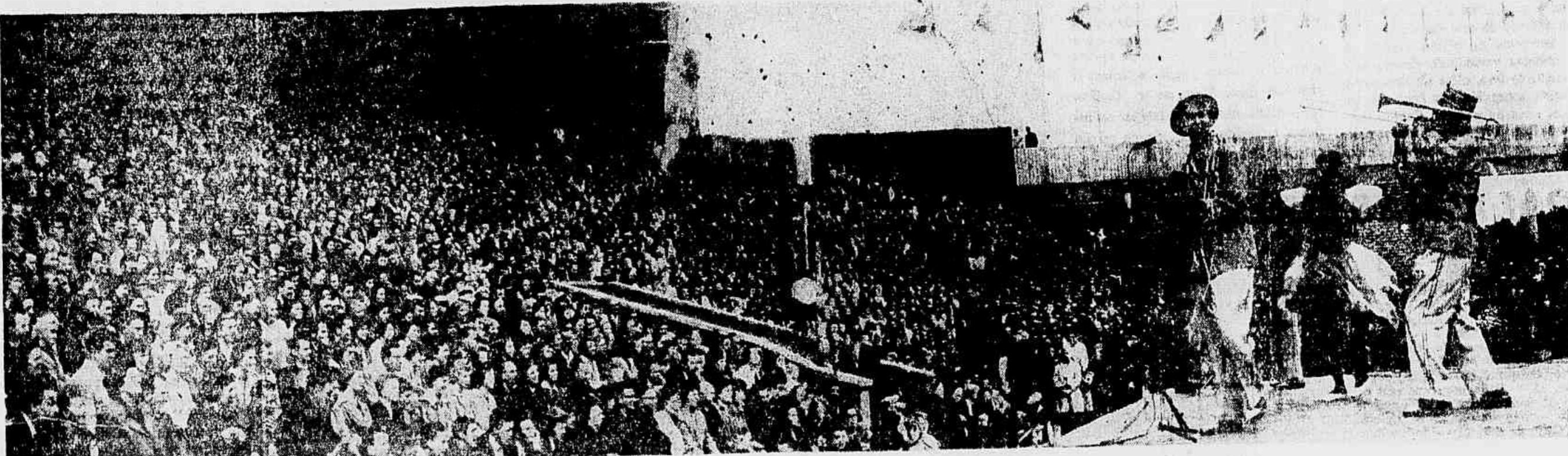
Constam ainda da revista os artigos «Sartre, suas contradições formais e seus méritos», de Leandro Konder, e «Quilombos (II)», do historiador Miguel Costa Filho.

Além destes artigos, constam do n.º 9 de «Estudos Sociais» as seções de Crítica de Livros e de Crítica de Revistas, com numerosas notas de interesse atual.

Editorial Vitória Em Outubro nas livrarias: BRASIL SÉCULO XX Rui Facó Uma interpretação marxista da atualidade brasileira

Eneida: Só na próxima semana

A nossa cronista Eneida acaba de viajar com destino ao Pará, sua terra natal. Por esse motivo, os leitores de NR não encontram, nesta edição, sua crônica costumeira...



O "Samba Brasileiro" na Estônia

Os estonianos receberam calorosamente os artistas do conjunto «Samba Brasileiro». Em todos os lugares os brasileiros eram cercados por pequenas multidões que desejavam conhecê-los.

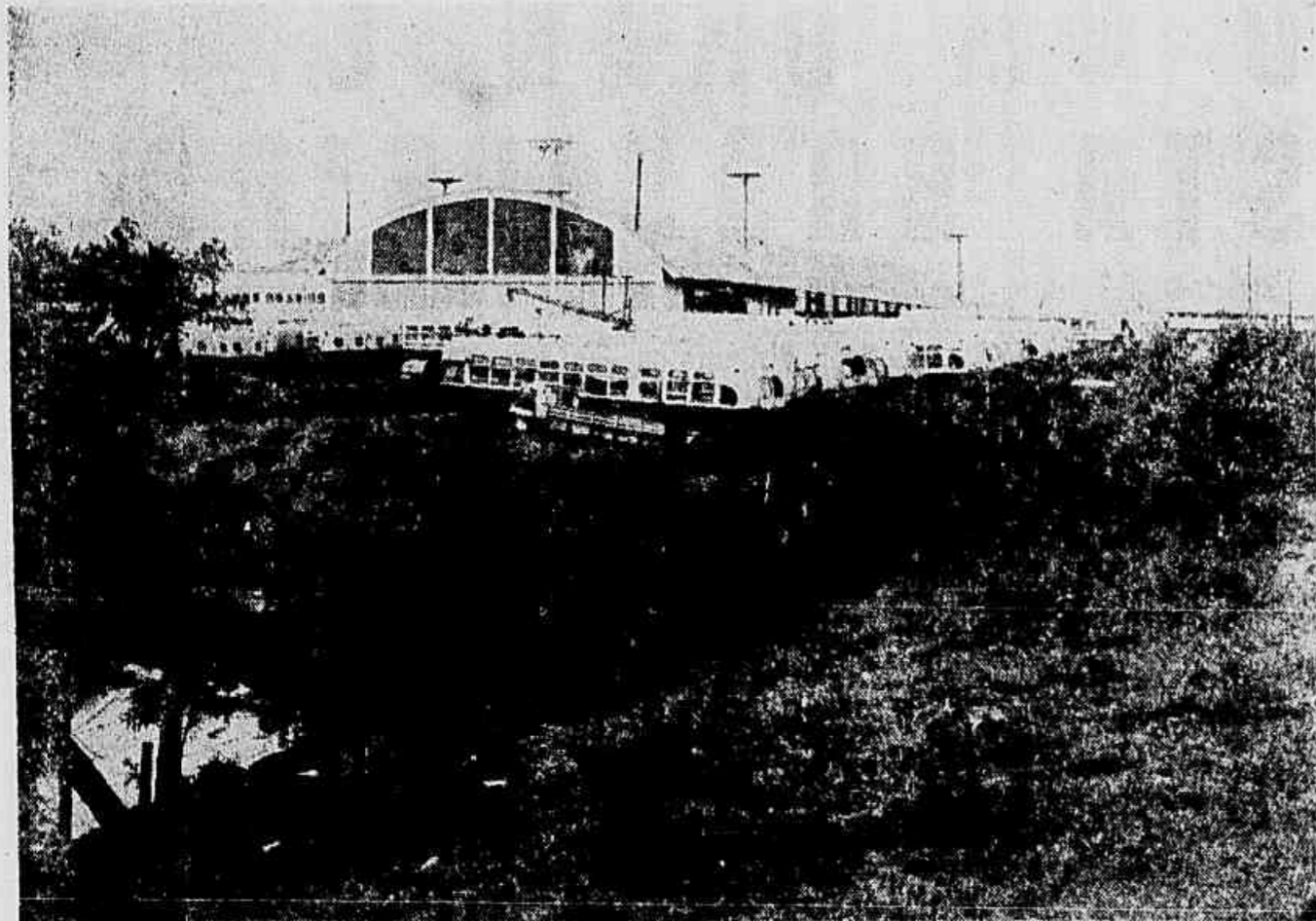
da Canção, diante de 20.000 espectadores (foto), numa brilhante manifestação de amizade entre os povos brasileiros e soviéticos.

— Gostei muito de Talin, disse o cantor e compositor Vitorio Simon. É a cidade dos jardins e das flores. Gostei, como músico, dos espectadores soviéticos, que com sua calorosa acolhida nos estimularam a dar um concerto suplementar.

— Foi uma viagem extraordinariamente interessante, acrescentou Luiz Allan. Receberam-nos com excepcional cordialidade. Pode convencer-me de que o povo soviético demonstra grande interesse pela arte no Brasil.

— Foi uma viagem extraordinariamente interessante, acrescentou Luiz Allan. Receberam-nos com excepcional cordialidade. Pode convencer-me de que o povo soviético demonstra grande interesse pela arte no Brasil.

arte no Brasil. Vimos grandes filas nos cinemas onde se projetava o filme Melodias do Brasil. É bom que os vínculos amistosos dos homens de cultura de nossos países se fortaleçam e se ampliem de ano para ano.



Cemitério da CMTC

A nota distribuída à imprensa pela C.M.T.C. (vide comentários e notícias em NOTAS DE SÃO PAULO) não contentou aos trabalhadores e à população. Na verdade a cessão de linhas a particulares foi suspensa pela direção da empresa depois da realização de negócios com quase uma centena de companhias particulares, entre elas: Empresa Auto-Ônibus Santa Cecília, Viação

São João Climaco, Radial Leste-Oeste, Viação Taboão, Viação Alto do Para, Transporte Urbanos S/A., Viação São Luiz, Bola Branca, Rio Bonito, Viação Santa Amélia, Viação Cometa, Viação Continental.

Na foto, dezenas de ônibus no «cemitério» do bairro da Leopoldina (Lapa) nesta capital. Muitos deles, adquiridos da antiga Expresso Relâmpago,

do Rio, jamais trafegaram; alguns deles, por falta de motor. Em nossa próxima edição contaremos algumas histórias sobre a C.M.T.C..

GARTAO DE VISITAS DO MODERNO CINEMA TCHECO

APASSIONATA

GENNYSON AZEVEDO

Apassionata (Taková Láska) faz a reaparição do cinema tchecoslovaco em nossas telas da maneira mais auspiciosa. Embora praticamente desconhecida entre nós, a cinematografia da Tchecoslováquia figura entre as mais conceituadas do leste europeu. Tal importância foi adquirida no pós-guerra com a criação de uma indústria organizada em bases firmes e que produziu maravilhosos frutos no terreno do filme de bonecos e desenhos animados, consagrando internacionalmente os nomes de Jiri Trnca, Carel Zeman e muitos outros. Também com a criação do Festival Cinematográfico de Karlovy Vary, realizado em célebre cidade de veraneio, este país tornou-se ponto de encontro dos cineastas, artistas e críticos de todo o mundo.

Apassionata é uma das realizações mais audaciosas já tentadas no plano da pesquisa psicológica e emocional. Fascinante é como podemos melhor definir o filme de Jiri Weiss, por sinal, um veterano do cinema tcheco. Extrada da peça teatral de Pavel Kohout, a fita coloca o espectador na posição de juiz do processo que se desenrola na tela, exigindo toda a atenção da plateia para os depoimentos orientados pelo homem vestido de juiz. Este condutor da narrativa vai apresentando o caso, alterando a ordem cronológica da ação, evocando as situações vividas pela jovem Lida Matysova, entregando o veredicto ao público.

A curiosa história de Pavel Kohout ensaja que cada um de nós

AUMENTO DE SALÁRIOS

Patrões Não Querem Pagar Operários Irão à Greve

Promoveu o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico dos Municípios de São Paulo, Franco da Rocha e Guarulhos expressiva assembleia na última semana para decidir sobre a campanha salarial.

Proposta patronal rejeitada: greve

Foi levada à assembleia por um advogado, representando a classe patronal, uma contra-proposta de 29% de aumento nos salários, com «teto» de 4.200 cruzeiros, logo rejeitada pelos trabalhadores.

Depois de demorado exame da situação, os metalúrgicos decidiram:

- 1) — não aceitar a contra-proposta dos empregadores;
- 2) — autorizar a diretoria do Sindicato a prosseguir nos entendimentos;
- 3) — manter a proposta inicial de 50 por cento, sobre os salários de outubro de 1959 e não nos termos do acordo salarial de 1958 como desejam os patrões; abono de natal;
- 4) — continuar participando das reuniões intersindicais cujas categorias

estejam pleiteando aumento de salário;

5) — ir à greve, se até as 12 horas do dia 31 do corrente, não for obtido o aumento salarial. Será realizada nesse dia e àquela hora uma assembleia à rua do Carmo 171. Os trabalhadores somente convocarão nova assembleia, antes do fim daquele prazo, se os empregadores fizerem proposta em melhores bases.

6) — organizar os comitês e «piquetes» de greve.

Greve de 200 mil!

Segundo dados fornecidos por órgão competente, a classe tem hoje 200 mil elementos. Parte trabalha em 5.400 empresas devidamente legalizadas e as restantes em 800 indústrias instaladas a título precário.

No setor dos frigoríficos

Em assembleia realizada em Osasco, os trabalhadores no setor de frigoríficos deliberaram rejeitar a contra-proposta patronal de 25% de aumento salarial. Querem os trabalhadores 50% de aumento e abono de Natal. Se não forem atendidos até o dia 30 promoverão assembleia para decidir sobre paralisação geral do trabalho.

Com os tecelões

Não houve alterações na última semana no setor têxtil. Continuarão — conforme decidiram em assembleia realizada na última semana — lutando por cinquenta por cento de aumento, abono de Natal e salário-família. No próximo dia 30 estarão reunidos os tecelões de todo o Estado para um levantamento geral da situação na capital e no interior. Em sua assembleia, por unanimidade, renovaram solidariedade a Jofre Correia Neto e seus companheiros presos e protestaram, junto ao presidente da República (por telegrama) contra o abusivo aumento do preço da carne.

Setor de calçados

Como as demais categorias, os trabalhadores rejeitaram a contra-proposta patronal de 25% de aumento, com teto de 3 mil cruzeiros (setor do anilinhado) e do setor de sapatos: 27% de aumento e 3.200 cruzeiros de teto. Deliberaram lutar pela obtenção de 55%, admitindo-se a possibilidade de um acêdo de 40%, excluída a cláusula teto. Se na reunião do TRT, desta semana, nada ficar resolvido, será feita uma assembleia da categoria, domingo próximo, quando decidirão sobre o caminho a seguir.

Solidariedade

a Jofre Correia Neto

Recebemos de um leitor a quantia de Cr\$ 300,00, destinada a ser entregue, como doativo, à família de Jofre Correia Neto, líder camponês encarcerado por Carvalho Pinto.

Notas de São Paulo

Servilismo

O líder do governo na Assembleia Legislativa, sr. Felício Castellano, foi acusado pelo deputado Hilário Tarlani de estar sacrificando, sistematicamente, todas as sessões ordinárias, a fim de serem discutidos projetos de interesse do Executivo, em sessões extraordinárias, convocadas para esse fim.

«É uma subordinação que raia no servilismo, processo e atitude condenáveis, que não poderão passar sem a nossa veemente protesto».

Livros para o povo

O sr. Luciano Lopera voltou a ocupar a tribuna da legislativa para reclamar do governo a inclusão dos técnicos de Educação na lei que concede um pró-labore a outros funcionários da magistratura.

Na mesma ocasião estranhou que as autoridades competentes não tenham opinado ainda sobre projeto de lei de sua autoria que dispõe sobre a impressão de livros didáticos na imprensa oficial do Estado. Segundo a propositura, os livros escolares seriam entregues aos estudantes a preços baixíssimos, contribuindo da melhor maneira para o desenvolvimento da instrução pública. É pensamento do sr. Lopera levar o citado projeto ao exame dos sindicatos de São Paulo.

A C.M.T.C. vai mal

A Cia. Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) distribuiu um comunicado à imprensa anunciando sua decisão de não mais conceder linhas a particulares. Na última semana, principalmente, a CMTC foi alvo de severas críticas por parte de vereadores e dirigentes sindicais. A impressão deixada é de que, no caminho que vai, a CMTC pretende autodissolver-se com a concessão de linhas a estranhos, ficando apenas com aqueles que não justificariam sua existência. O sr. Adhemar de Barros e a direção da companhia são acusados de cedermos as melhores linhas aos parentes e amigos.

Em reunião realizada esta semana (setor de bondes) os trabalhadores, cujos salários do mês findo só foram pagos (com atraso) graças ao empréstimo de 37 milhões de cruzeiros do Governo Federal, examinaram a situação da companhia. Fizeram graves acusações à administração municipal, estadual, e federal. O sr. Carvalho Pinto, por exemplo, foi duramente criticado. Consideram os trabalhadores que possuindo o Estado 27% das ações da companhia, não se explica como não tenha em sua direção um representante. Um trabalhador, com o apoio dos presentes, acusou mesmo o sr. CP de fazer também política, com isso prejudicando a população.

O sr. Manso Vieira, diretor da Sociedade Beneficente da CMTC denunciou um fato gravíssimo: a direção da empresa retém 40 milhões de cruzeiros descontados dos trabalhadores em folha e pertencentes àquela sociedade. Esta, em consequência, não tem dinheiro para adquirir gêneros para a Cooperativa. Além disso, a Sociedade Beneficente, só de juros de mora e despesas de cartório, gastou um milhão de cruzeiros. Os fornecedores mandam para cartório as duplicatas de responsabilidade da Cooperativa e esta, porque seu dinheiro está nas mãos da empresa, inevitadamente, é obrigada a despesas extraordinárias para manter seu nome limpo.

Um motorista de ônibus, presente à reunião, considerou o caso meramente de polícia.

Sucessão municipal

Muitos são os candidatos à sucessão do sr. Adhemar de Barros nas eleições de março de 1961. Na área pelegista surgem os nomes dos srs. Cândido Sampaio (atual vice-prefeito) e do deputado federal Mário Beni. Em outros setores políticos aparecem ainda os seguintes candidatos: Plínio de Arruda Sampaio (coordenador do Plano de Ação de CPI), Faria Lima (Secretário de Viação), Emilio Carlos (PTN), José Cirilo (PRP), Frota Moreira (PTB), Ruy Novais (PSB, ex-prefeito de Campinas), Farabullini Junior (PTN), além de outros menos citados. O sr. Carvalho Pinto está realizando «demarques» no sentido de aglutinar as forças janistas em torno de um único nome.

Manifesto nacionalista

Os preceitos dos diversos partidos e entidades que se uniram em torno da candidatura do sr. Teixeira Lott à presidência da República promoverão, ao que se informa, uma reunião nos próximos dias para o exame da situação decorrente do resultado das urnas. Pretendem dirigir manifesto ao povo de São Paulo expondo as causas da vitória do sr. Jânio Quadros. Será, diz-se, um documento de orientação e mobilização dos nacionalistas para a continuação da luta pela emancipação econômica do país.

De interior chegam notícias de que comitês que trabalharam pelas candidaturas Lott-Jango lançarão também manifesto reclamando do sr. Jânio Quadros, no Governo, o cumprimento de promessas eleitorais de conteúdo nacionalista: defesa da Petrobrás e dos minérios, relações comerciais, culturais e diplomáticas com os países socialistas, etc.

Teatro

“Uma Pulga Atrás da Orelha”

A COMPANHIA Teatro nos Sete, depois do fracasso de “Cristo Proclamado” e uma temporada de êxito em Niterói, com o “Mambembê” de Artur Azevedo, peça com que estreou aqui no Rio, com grande sucesso artístico e de bilheteria, no ano passado, instalou-se no Teatro Ginástico e lançou “Com a Pulga Atrás da Orelha”, de Feydeau. Com esse lançamento o grupo está pondo em prática um dos seus projetos de manifestação pública com que se apresentou ao público — tentativa de realizar um organismo financeiramente firme que nos permita emprestar dignidade aos que trabalham conosco e a nós mesmos!

Não temos dúvida de que a tentativa será coroada dos melhores resultados pois, infelizmente, o público que pode pagar teatro tem o maior interesse pelos assuntos de alceia e adora esse gênero de comédia de costumes (ou de maus costumes) em que se armam as situações mais complicadas e também as mais óbvias entre marido, mulher, amantes de um e da outra e mais os amantes dos amigos e amigas do casal e dos criados dos mesmos. Delicioso, como se vê, e engrandecido. Mas também muito batido. Fez as delícias de todos os velhotes do tempo de nossos pais e dos pais deles.

Quando Robert Kemp (que eu ignoro quem seja) lemos na apresentação

BEATRIZ BANDEIRA

feita por Bricio de Abreu no programa: “ele leva até os últimos limites a audácia das situações e das palavras, sua liberdade roça a vulgaridade, porém sua alegria é gigantesca”. Foi, realmente, o que sentimos em certos momentos — o roçar da vulgaridade — mas rimos com o público que continuava rindo depois de cerrada a cortina.

O espetáculo tem a classe própria do diretor Gianfranco e de seus comandados. Estão todos muito bem em seus papéis. Fernanda Montenegro, como sempre graciosa, leve, dizendo bem, secundada à altura por Caminha Brandão. Os cenários de Gianfranco, espirituosos e de muito gosto, assim como os figurinos de Kalma Murinho. E’ peça para salvar a Companhia de qualquer abertura econômica, permitindo-lhe depois uma realização mais séria e verdadeiramente dentro dos propósitos artísticos e culturais que o grupo parecia ter, quando de seu lançamento.

“A Mais-Valia Vai Acabar”

Aguardamos com grande interesse a volta da peça de Vianinha, programada para esta semana, no Arena da Faculdade de Arquitetura. Enquanto isso, alguns componentes do Teatro Jovem que lançou “A Mais-Valia”, se separaram e anunciam, também para estes dias, um espetáculo de 3 peças de Ionesco no Teatro das Operárias de Jesus, em Botafogo.

Corifeu Perdeu a Calma e a Linha

Estranha-se, principalmente nos meios jornalísticos, a atitude tomada há alguns dias pelo sr. Corifeu de Azevedo Marques, velho e conhecido homem de imprensa, responsável por um programa de grande audiência na rádio de São Paulo. Sem revelar a velha tarimbada, o sr. Corifeu de Azevedo Marques, valendo-se sem dúvida de notícias incorretas de alguns órgãos do Rio, cometeu verdadeira «barriga». E não somente isso, além de deturpar o entrevista concedida por Prestes à imprensa, após as eleições, Corifeu referiu-se ao líder comunista em termos grosseiros, incompatíveis com o nível de de-

cência que todos esperam mantenha nos lides profissionais. Luiz Carlos Prestes, sabe-o também Corifeu de Azevedo Marques, é homem de indiscutível respeitabilidade pessoal e política, cujo nome não é atingido por observações de apressados comentaristas. Lamentável, por todos os títulos, é a atitude de um velho profissional de imprensa, que se sectário, com o êxito da vitória janista subindo à cabeça, perde a calma e confunde tudo. Aliás, ao sr. Corifeu, não custaria muito ler a íntegra da referida entrevista, publicada na edição anterior deste jornal.

PALAVRAS CRUZADAS

F. LEMOS

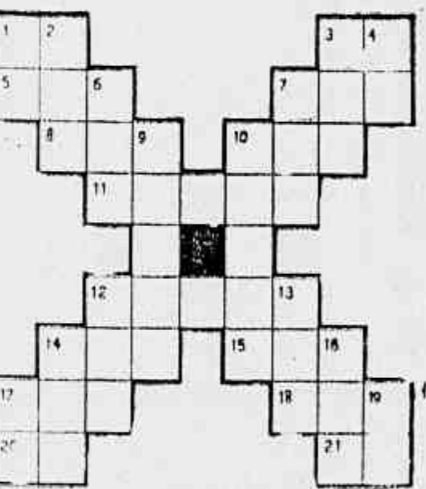
Problema n° 30

HORIZONTAIS: 1 — Artigo feminino plural. 3 — Estudei. 5 — Monarca. 7 — Bico de verruma. 8 — Chefe etíope. 10 — Não é noite. 11 — Nome próprio feminino. 14 — Igual; semelhante. 15 — Cada uma das seis divisões de cada antiga tribo ateniense. 17 — Não entra. 18 — Colera. 20 — Grito de dor. 21 — Artigo masculino plural.

VERTICAIS: 1 — Atmosfera. 2 — Existência. 3 — Satélite da terra. 4 — Andava. 6 — Andavam. 7 — Lavatório. 9 — Ter conhecimento de. 10 — Satanás. 12 — Anda. 13 — Rio da União Soviética. 14 — Genitor. 16 — Argula. 17 — Sobrenome popular. 19 — Artigo feminino plural.

Respostas do Problema n° 29

HORIZONTAIS: 1 — El; 3 — Fa; 5 — Aral; 7 — Sara; 9 — Sa; 10 — Imela; 12 — Sara; 14 — Ir; 15 — Sa; 16 — Fa; 17 — O; 18 — Fir; 19 — Abaixa; 22 — Me; 23 — Orea; 24 — Real; 26 — Ar; 27 — Ur.



Cinquentenário da Proclamação da República de Portugal

Como parte dos festejos comemorativos da passagem do 50º aniversário da proclamação da República de Portugal, grande número de portugueses radicados em São Paulo realizou dia 5 do corrente, neste Capital, um boquete de comemoração democrática, do qual participaram intelectuais e membros da Comissão Coordenadora Pia Amizade Política da Espanha e Portugal. Usaram da palavra na ocasião

o sr. Humberto Delgado, que se referiu à História de Portugal desde os tempos da heresia e restituiu a necessidade da restauração da democracia em seu país; o sr. Dolores de Mello Vasconcelos, secretária da Comissão Coordenadora, discursou sobre os trabalhos preparativos da 2ª Conferência Pro-Amizade, a realizarse na Argentina, nos dias 11, 12 e 13 de novembro próximo, e fez um apelo ao qual solicitou o apoio

dos presentes; falaram em seguida vários oradores, entre os quais diretores do Centro Republicano Português, que inapelavelmente apoiou ao movimento preparatório da Conferência da Espanha e Portugal. No clichê, um aspecto da mesa de honra formada durante o banquete, no qual tomaram assento o sr. Humberto Delgado, o escritor Paulo Duarte, o sr. Dolores Vasconcelos e figuras expressivas da colônia lusã.

SEIS ANOS DE GUERRA NA ARGÉLIA:

Colonialismo Francês Contra o Mundo Inteiro



Assassinato e Hipocrisia

Um dos meios empregados pelos colonialistas para assassinar combatentes e simples cidadãos argelinos é simular uma «fuga» dos prisioneiros e depois abatê-los sem piedade. O banditismo do governo e do exército da França é representado na sequência fotográfica pelo soldado que espera que seu prisioneiro se distancie um pouco e depois atira contra ele. Além deste meio, o colonialismo recorre frequentemente ao do «desaparecimento». Os prisioneiros são abatidos e depois publica-se um comunicado oficial no qual se diz que eles estão desaparecidos.

Há seis anos começava a guerra da Argélia, guerra que, na verdade, jamais deixou de ser travada desde a ocupação francesa, em 1830. Apesar da enorme desigualdade de forças, o povo argelino nunca se entregou ao domínio francês. A partir de 1954, entretanto, já se trata de um conflito generalizado. Hoje, apesar de continuar mais forte, o exército colonial francês se defronta com um corpo numeroso de homens bem armados e bem organizados. A vitória militar para a França é hoje um sonho irrealizável. A solução pacífica do conflito, impossibilitada pela intransigência do colonialismo, é exigida não somente pelos milhões de argelinos, mas por grande número de países afro-asiáticos e pelo campo socialista.

Há dois anos, o povo francês, amedrontado pelas ameaças dos militares direitistas do golpe de 13 de maio e desesperançado pelas sucessivas traições dos governos «liberais» e «socialistas» que, apesar de suas promessas, nada fizeram para acabar com a guerra, elevaram o general De Gaulle ao poder para que ele o fizesse. Em palavras, De Gaulle, de fato, mostrava-se um defensor da solução pacífica por meio de entendimentos com os combatentes. A derrota do novo golpe militar dos «ultra» da Argélia e o famoso discurso do governante francês a 16 de setembro de 1959, reafirmado várias vezes depois, aumentaram as esperanças. Quando foi convocada a reunião de Melun entre representantes de De Gaulle e do Governo Provisório da República Argelina, chegou-se mesmo a pensar que a solução estava próxima. A ilusão não durou muito; durante as conversações os «negociadores» franceses deixaram claro que em seu vocabulário a palavra autodeterminação quer dizer rendição pura e simples ao colonialismo.

Uma guerra assassina

Para defender uma população de menos de um milhão de franceses na Argélia, o colonialismo mantém um exército regular de perto de oitocentos mil homens, não contando a polícia e os grupos de fascistas armados. Centenas de milhares de argelinos são mantidos em campos de concentração, outros tantos em prisões. A tortura tornou-se o método oficial do exército colonialista em sua tentativa de atemorizar a população argelina. Isto foi afirmado com todas as letras por uma comissão da Cruz Vermelha Internacional e é reafirmado agora pela própria igreja católica da França.

Combatentes do Exército de Libertação Nacional e aldeias pacíficas da Argélia são atacadas com bombas incendiárias de napalm numa repetição monstruosa dos crimes cometidos pelos nazistas e pelo colonialismo francês na Indochina. A barbárie praticada para preservar os privilégios franceses pode ser bem ilustrado pela carnificina levada a cabo no vilarejo de Sidi El Youssef, onde to-

dos os seus habitantes, cerca de quatrocentas pessoas, foram assassinados para que depois seus carrascos colocassem a culpa na Frente de Libertação Nacional. O colonialismo tem a consciência pesada e comete novos crimes para tentar ludibriar a opinião pública mundial...

A própria Argélia pode ser considerada como um verdadeiro campo de concentração, pois suas fronteiras estão fechadas com várias linhas de arame farpado e eletrificado, guardadas por patrulhas de soldados e esquadrilhas de aviões a jato. Este o sonho dourado do exército francês: transformar toda a Argélia num grande campo de concentração. A realidade, porém, é diferente...

Um povo em armas

Grande parte do território já se encontra, de fato, sob o controle permanente do Exército de Libertação Nacional. São regiões inteiramente libertadas do colonialismo, onde a vida se desenvolve pacificamente. Mesmo em outras zonas, onde o exército colonial francês ainda se mantém, o cair da noite significa uma mudança radical: os «moudjahidines» (combatentes) passam a dominar a situação. Somente nas proximidades do litoral existe alguma «tranquilidade» para os colonialistas, mas mesmo ali se faz sentir a presença da FLN.

Inúmeras vezes, o exército francês anunciou planos mirabolantes para «exterminar» os terroristas e o exército de libertação argelino. Depois de algum tempo, os planos eram esquecidos, porque sua falência tornava-se evidente. Diariamente realizam-se nas regiões dominadas pelos franceses atos de terrorismo contra colonos, dirigentes dos «ultra» e colaboracionistas. Ainda recentemente o diretor de um dos jornais direitistas da Argélia, Serigny, foi abatido numa praia perto de Argel.

Milhares e milhares de jovens franceses tombaram no solo argelino porque seu governo ainda não se convenceu de que não há saída para o conflito a não ser a independência do país. Embora seus efetivos sejam mais de três vezes menores do que os do exército francês e não disponha de armas tão numerosas e potentes, o Exército de Libertação Nacional tornou-se invencível. Na verdade, ele representa o próprio povo argelino em armas.

A «pax francesa»

Ao mesmo tempo que prossegue a guerra de extermínio e fala em «autodeterminação», o Governo de De Gaulle realiza uma série de manobras com o objetivo de dar uma aparência de «representatividade» à «pax francesa». O último destes expedientes foi a convocação de uma «comissão de eleições» para discutir o futuro da Argélia. É sintomático que pouco depois de anunciada a «eleição» de alguns elementos para a referida comissão, um deles tenha anunciado que a «eleição» não



Tortura é «normal»

passava de uma farsa, o alferriu à FLN, um terceiro declarou que seu nome fora lançado à sua revelia, etc.

Essas manobras, na realidade, visam apenas a ganhar tempo e amortecer a consciência francesa e mundial. As «eleições» na Argélia, desde o referendo de 1958, às eleições para os conselhos municipais e para o senado e para esta última «comissão», sempre foram uma farsa. Antes de cada uma delas, o exército francês é oficialmente encarregado de «incentivar» a apresentação de candidatos e o comparecimento às urnas dos muçulmanos. Durante algum tempo, as autoridades coloniais permitem que determinados grupos de oposição «moderada» atuem com certa liberdade. Finalmente, no dia das «eleições», caminhos do exército percorrem as ruas das cidades e aldeias recolhendo muçulmanos que são obrigados a pular das baionetas e metralhadoras a ir votar, evidentemente sob as vistas de um oficial francês especialmente destacado para «fiscalizar» os votos.

A medida que aumenta, na própria França, a pressão popular pela paz na Argélia, fica mais claro que o colonialismo francês se meteu num beco sem saída. Recentemente, mais de duzentos intelectuais e artistas dos mais conhecidos e consagrados assinaram um manifesto, o chamado «Manifesto dos 121», porque foi esse o número dos seus primeiros signatários, exigindo o fim da guerra e apoiando os soldados que se negam a pegar em armas contra os argelinos, o que tem acontecido com regimentos inteiros. Depois disto,

A tortura é considerada como um método «normal» pelo exército colonial francês na Argélia. Uma comissão da Cruz Vermelha Internacional, que percorreu várias prisões comprovou a prática de torturas e mutilações.

outro manifesto foi redigido por grande número de líderes políticos, inclusive o cônego Kir, prefeito de Dijon, defendendo a autodeterminação para o povo argelino. Enfim, nesta semana, a própria igreja católica condenou os métodos de terror empregados pelo exército francês e pediu que fosse finalmente concedida a autodeterminação. A campanha iniciada há anos pelo Partido Comunista, pelos sindicatos e entidades estudantis se estendeu à maioria do povo francês. Os círculos colonialistas começam a ficar cada vez mais isolados.

A internacionalização da guerra

Para De Gaulle, entretanto, a única voz que conta e a destes círculos. Depois do boicote das conversações de Melun não restou ao Governo Provisório da República Argelina senão o caminho de apelar para as Nações Unidas, internacionalizando a guerra. Num memorando enviado à ONU, o GPRA propôs a realização de um plebiscito fiscalizado pelo próprio organismo internacional, para consultar o povo argelino sobre seu futuro. E inaceitável que o povo argelino continue sendo oprimido pelo colonialismo numa época em que todo o sistema colonial começa a ruir e numerosas antigas colônias ascendem à independência nacional e tomam conta da ONU.

Até hoje, o colonialismo francês tem contado com a máquina de votar do bloco militar da OTAN para impedir que as Nações Unidas condenem frontalmente sua guerra de opressão contra o povo argelino. A cada ano que passa, entretanto, restringe-se a «margem de segurança», apesar dos tremendos esforços e da pressão do Governo francês, matreiramente apoiado pelos Estados Unidos. Entretanto, como disse na Assembléia Geral o Presidente Seku Toure, da Guiné, «aqueles que contam com os votos dos jovens países africanos para manter seu domínio na Argélia serão os primeiros a sofrer uma profunda decepção». Os países recém-libertados do colonialismo francês, mesmo aqueles que ainda se encontram, de uma forma ou de outra, sob a dependência da França, sabem o quanto devem à luta do povo argelino e seus povos compreendem que a batalha contra o colonialismo não conhece fronteiras e é um assunto de toda a África. Seus delegados pensarão duas vezes antes de ceder à pressão francesa.

Por outro lado, as conversações da delegação argelina, presidida pelos ministros Belkacem Kfimi, Mohamed Yazid e Ahmed Francis, com Kruschov, Nehru, Nasser, Sukarno, Tito e outros dirigentes e delegados à assembléia da ONU revelaram que o Governo Provisório da República Argelina conta com o apoio efetivo do campo socialista e do bloco afro-asiático. Seis anos depois de iniciada, a guerra da Argélia é hoje a causa comum de dois terços da humanidade.

Nota Internacional

A Situação na Argentina

Apesar da confusão reinante nas notícias sobre a crise político-militar na Argentina, uma coisa parece clara: o fundo da questão reside na reação dos setores dirigentes do exército ao poder dos monopólios estrangeiros sobre a economia argentina, ao sistema político criado por Frondizi para garantir este poder e, inevitavelmente, ao descontentamento popular contra a política entreguista e o terror policial que a sustenta. Alguns indícios de que esta é a pedra angular do problema podem ser visto no fato de que, além do próprio Frondizi, o movimento militar visa o Ministro da Economia e do Trabalho, Alvaro Alsogaray, e o Ministro do Interior, Alfredo Vitolo. Por outro lado, no auge da crise, o presidente da «Yacimientos Petrolíferos Fiscales», órgão estatal para o petróleo, pediu demissão e foi afastado do cargo. Alsogaray, popularmente chamado ESSOgaray, é um entreguista declarado, responsável pela aplicação da política traçada pelos trustes do petróleo e o FMI. Vitolo, autor do «Plano Conintes» de repressão ao movimento operário, é o sustentáculo policial de Frondizi.

O fato é que depois de dois anos de entreguismo e «estabilização» econômica, o povo argentino vê piorada sua situação num processo de deterioração incessante. No ano passado, segundo as estatísticas oficiais, a produção industrial do país decresceu em 10%, causando o aumento do desemprego e agravando a crise em que se debate toda a economia platina. O congelamento dos salários não impediu a continuação do processo inflacionário e, com isso, o operariado e a maioria da classe média são empurrados para a miséria mais completa. Nestas circunstâncias, o exército é transformado em carrasco do povo, como tem ocorrido especialmente por ocasião das greves dos operários e funcionários. Por outro lado, o plano de repressão policial ao «terrorismo» não impediu que o descontentamento popular continuasse se manifestando em toda a sua pujança, inclusive sob suas formas mais violentas, como as ações realmente terroristas e a formação de grupos de guerrilheiros, principalmente na província de Frondizi também exprimem econômicos e políticos, mesmo no partido de Frondizi também exprimem sua crescente hostilidade à política entreguista e reacionária do Governo.

O desgaste total de Frondizi, evidenciado nas últimas eleições parlamentares de março e aguçado daí por diante, provoca, como contrapartida, o fortalecimento, dentro de certos círculos militares, das tendências à substituição de seu Governo por uma ditadura policial ainda mais férrea. Daí as referências à «ameaça comunista e peronista» que estes círculos apontam como consequência inevitável da política de Frondizi, atualmente incapaz de reprimir com «eficácia» o movimento anticolonialista e democrático. A evolução dos acontecimentos irá mostrar qual o papel desempenhado pelos militares chefiados pelos generais Toranzo, Montero e Rosendo Fraga que, ao que tudo indica, procuram desesperadamente encontrar uma solução conciliatória entre os setores entreguistas e nacionalistas das forças armadas dentro do quadro político atual da Argentina.



Laos: EUA amargam nova derrota

Diante da evolução, negativa para os Estados Unidos, dos acontecimentos no Laos, o Departamento de Estado resolveu enviar às pressas um de seus funcionários mais qualificados para ver se salvava o barco. Entretanto, a flexibilidade parece que ainda não impera na política norte-americana, e o enviado «entrou pelo cano», quando exigiu que o governo neutralista de Suvana Fuma rompesse os entendimentos com os guerrilheiros do Paté Laos e entrasse em acordo com os militares americanos, como condição para continuar sua «ajuda».

Em outras palavras, os Estados Unidos se arrogam o direito de indicar qual a política que deve ser seguida pelo Laos ao próprio governo do país. Não é por acaso que as próprias agências norte-americanas tiveram que reconhecer que o novo embaixador soviético foi recebido no aeroporto e nas ruas da capital por uma multidão calorosa e acolhedora, enquanto o enviado especial do Departamento de Estado era objeto, por toda parte, do silêncio e da hostilidade.

Gaitskell perde o rebolado

O Congresso anual do Partido Trabalhista inglês encerrou-se recentemente com uma grande derrota para os dirigentes «moderados» que desde Clement Alee vêm desenvolvendo todos os seus esforços para empurrar o partido cada vez mais para a direita. Mais ainda, a derrota foi imposta exatamente pelos membros sindicais de base.

A frente do movimento de revigoração do Partido Trabalhista encontram-se homens como Frank Cousins e Yan Mikardo, da esquerda trabalhista, que atacaram a política oficial realizada por Gaitskell de apoio ao bloco militar da OTAN e de intensificação da corrida armamentista, principalmente pela fabricação de armas atômicas e a tolerância quanto à permanência na Inglaterra de armas nucleares e foguetes norte-americanos.

A política de neutralidade, com a saída da OTAN e a cessação do fabrico e armazenamento de armas nucleares, juntamente com a renovação do princípio trabalhista das nacionalizações, abandonado pela direita do Partido desde o fim da guerra, pode representar uma nova fase na política inglesa.

Mobutu continua tremendo na corda bamba

O coronel Josef Mobutu, valete de espadas do colonialismo no Congo, conferenciou longamente com o «presidente» da província de Catanga, Moisés Tchombé, sócio e representante dos trustes belgas de minérios na rica província. Depois da conferência, Mobutu declarou-se «irmão» de Tchombé, passando a receber as acusações feitas pelo primeiro-ministro Lumumba de que ele foi comprado pelo imperialismo. Ao mesmo tempo, Mobutu foi obrigado a demitir grande número de oficiais do exército, anteriormente nomeados por ele, por «insubordinação».

O repto de Lumumba continua de pé; convoke-se o Parlamento para que seja formado um governo legal. As agências imperialistas afirmaram dias a fio que Lumumba já não contava com o apoio do parlamento congolês. O próprio Mobutu parece que foi na onda e resolveu convocá-lo, mas a ilusão durou pouco. Já agora o coronel volta atrás e diz que continuará «neutralizando» os poderes legais do país. Continuando as coisas no curso atual, entretanto, breve o coronel é que estará completamente «neutralizado».

A Light Apoderou-se da Água Que Está Faltando ao Carioca

Mais de três milhões de cariocas estão submetidos ao flagelo terrível da falta d'água na cidade, enfrentando uma situação que em muitos casos atinge às raias do desespero. São bairros inteiros onde por dias a fio não surge uma só gota do líquido, forçando seus moradores ao abandono do lar até mesmo para as refeições mais simples, pois a interrupção do abastecimento em muitos casos vai muito além das possibilidades de qualquer reserva.

Em meio ao clamor que se levanta, quase ninguém, no entanto, aponta os responsáveis, procurando cada autoridade, via de regra, explicações que nada resolvem, pois a crise a que o Rio foi jogado não tem solução possível, racional e completa, sem que sejam feridos os interesses daqueles que criaram essa situação: a todo-poderosa «Light and Power» e as forças políticas que dão cobertura aos seus desmandos, em detrimento dos direitos da população do Rio.

Solução artificial e onerosa

De fato, embora toda a conversa que se faz em torno da crise no abastecimento de água à cidade, a verdade é que a raiz do mal está exatamente nos privilégios concedidos à Light para utilizar as águas do Ribeirão das Lages em suas instalações, quando essas águas deviam ser reservadas fundamentalmente para o suprimento do Rio. Mas, o polvo imperialista, como se sabe, para manter a concessão do fornecimento de energia elétrica, impôs o domínio das águas do Ribeirão das Lages, onde implantou sua usina, colocando numa situação difícil a solução daquele problema.

O Guandu, que nas condições determinadas pela Light passou a ser o núcleo fundamental abastecedor da cidade, é um rio que oferece toda sorte de vantagens para esse fim em relação ao Ribeirão das Lages. Em primeiro lugar, está muito abaixo daquele curso d'água cujo aproveitamento evitaria, sem maiores despesas, todo o

flagelo que o carioca vem enfrentando sem perspectivas de melhores dias. Assim, de nível baixo, a captação das águas do Guandu torna-se um problema permanente, pois somente em épocas de chuvas fartas as suas águas se elevam à altura dos ramais que as conduzem aos tanques de decantação. Surge, ao mesmo tempo, o acúmulo de areia na boca dos ramais, afora o fato de que toda essa água deve ser ainda elevada, por bombeamento (o que a encarece enormemente), para afinal ser distribuída à cidade.

Águas levaram dinheiro do povo

Como se sabe, nos últimos anos foram gastas somas fabulosas — vários bilhões de cruzeiros — para que o Guandu viesse a solucionar o problema do abastecimento, solucionando, na verdade, antes de tudo, o problema da Light. Mas a solução não veio, a não ser para a empresa imperialista, que acena com a ameaça de racionamento de energia elétrica toda vez que se fala num maior suprimento das águas que estão, na prática, sob o seu controle.

A adutora do Guandu, realizadas as suas três etapas, deverá fornecer ao Rio 760 milhões de litros d'água diários. Mas, apenas a sua primeira etapa (380 milhões de litros) está funcionando e as obras de construção da segunda, que nem sequer foram iniciadas, deverão prolongar-se por um período entre três e cinco anos, significando isso, além de uma despesa de bilhões de cruzeiros, uma solução por demais remota. Mas a verdade é que nem mesmo os 380 milhões de litros diários que a adutora do Guandu devia proporcionar ao abastecimento, estão chegando aos lares cariocas. E isto porque a tubulação empregada é das mais precárias. Embora tendo custado uma verdadeira fortuna, esse material é totalmente inadequado, sujeito a freqüentes ruturas com os con-

seqüentes vazamentos, o que, aliás, é comum ao longo da linha, num desperdício criminoso e ininterrupto. Esse aspecto do descalabro reinante recorda, por sua vez, o escândalo denunciado pelo vereador Aristides Saldanha em 1953-1954 quando apontou a negociação que envolvia altas figuras da administração carioca e a empresa Ianque «Lock Joint», aqui representada pela sua testa-de-ferro, a «Tetracap». Os tubos fornecidos pela «Lock Joint», através da «Tetracap», para a adutora do Guandu não poderiam resistir à pressão da água e todos os acidentes estavam previstos. Mas as denúncias não chegaram a ter efeito prático (alguns jornais, como «O Globo», afirmaram que o que os comunistas queriam era impedir a solução do problema da água) e o resultado é o que se vê.

Descalabro convém à Light

Por outro lado, também a tubulação da adutora do Ribeirão das Lages (teoricamente 420 milhões de litros diários) está inteiramente obsoleta, as ruturas são numerosas e freqüentes e a perda d'água é fabulosa. Mas, o que é pior, não há de fato nenhuma tentativa séria e honesta para a solução do problema, que, por sua vez, é altamente conveniente à «Light», pois o mau estado da tubulação é motivo para explicar até a diminuição, sob controle da antiga P.D.F., da quantidade de líquido que por ela passa, já que em caso contrário as ruturas seriam ainda mais graves.

Rede estourada

Não são, no entanto, apenas esses fatores os que determinam o flagelo

que, nesse terreno padece a população carioca. Também a rede de distribuição de água, na cidade, se encontra em condições precárias. Essa rede, completamente obsoleta, precisa ser substituída em mais delongas, sob pena de milhões de litros d'água continuarem sendo desperdiçados, pois são incontáveis os vazamentos em todos os bairros.

Soluções (parciais) em perspectiva

Como se verifica, não é com a construção da segunda etapa da adutora do Guandu que será solucionado o problema do abastecimento de água à cidade em prazo que corresponda à premência da solução exigida. E o que se impõe, sobretudo, é a correção das falhas técnicas já assinaladas na captação das águas daquele rio, a recuperação da tubulação dessa adutora e a do Ribeirão das Lages, bem como a reestruturação da rede de distribuição na cidade.

Isso, evidentemente, não solucionaria o problema em toda a sua extensão, mas seria, em curto prazo, um passo decisivo nesse sentido, permitindo, sobretudo, o integral aproveitamento das disponibilidades em mãos da administração do Estado.

Quanto ao mais, a raiz do problema prosseguirá mesmo assim subsistindo, porque enquanto a Light continuar impondo os seus interesses a qualquer preço, como acontece também neste caso, o carioca permanecerá espalhado direto e indiretamente — até mesmo quando se trata de disputar uma gota d'água de seus mananciais.



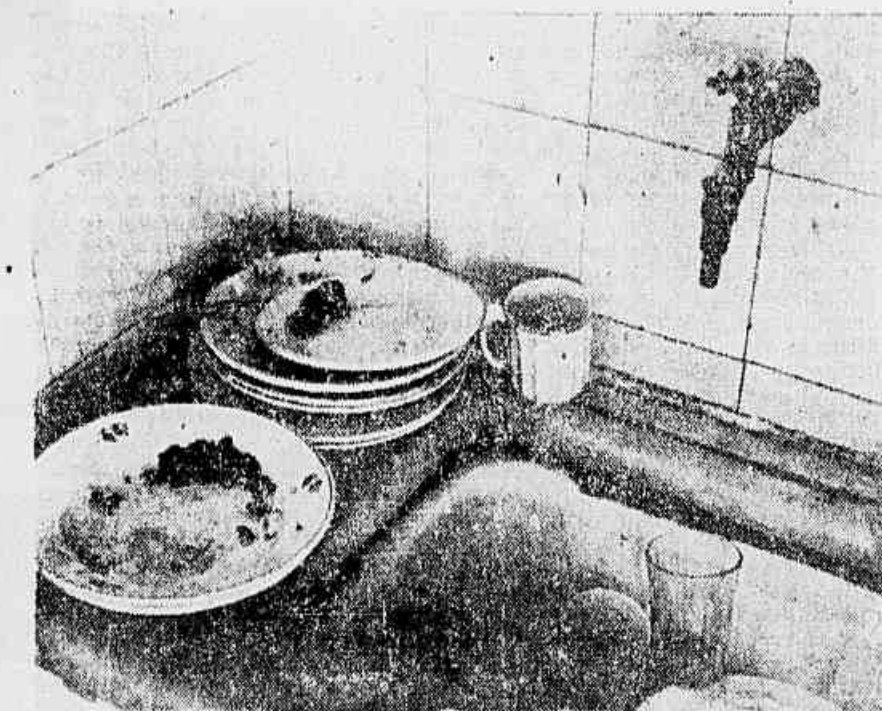
Nas fontes novamente

Água, só mesmo a que corre da fonte... A esse ponto está chegando o Rio, antes mesmo de entrar o verão. A calamidade reflete o império da Light, as negociações e a inépcia administrativa. Tudo de longa data.



Lembrança dos velhos tempos

Bons tempos aqueles, em que a vezinha de pés descalços, junto à bica, podia encher as suas latas. Mas isso é apenas uma lembrança do passado, porque a começar pelas favelas as torneiras estão secas.



Colapso invade a cozinha

A dona de casa é a maior vítima da falta d'água no Rio. Das torneiras não cai uma gota durante a maior parte do dia, criando-se uma situação insuportável em cada lar. Lavar as louças, assim, só com água mineral.

NOVOS RUMOS



Escassez & desperdício

Milhões de litros d'água são desperdiçados diariamente no Rio em consequência do estado impréstável da rede de distribuição. Em certos casos, porém, um mínimo é aproveitado (foto) para a lavagem de roupa. Outros problemas sérios, entretanto, surgem e se agravam ao mesmo tempo, com o aparecimento de epidemias notadamente nos bairros pobres. É fácil imaginar os terríveis malefícios para a enorme parcela da população do Estado da Guanabara que habita as favelas, onde escote e fenda, a verdadeira seca que flagela há anos, e piora de ano para ano, os cariocas.

O Barbarismo de Stroessner dá um Banho de Sangue no Povo Paraguuaio

Num dia de maio deste ano, dois aviadores paraguaios, Giubi e Chamorro, acompanhados de 20 soldados, conduziram num avião Douglas de transporte dois presos políticos e mais um despójo sangrento: a cabeça de um prisioneiro degolada. O avião desceu no povoado paraguaiense de Capitán Meza. Os prisioneiros foram amarrados a um poste em praça pública. A população da localidade foi convocada para vê-los. E o chefe local, major Baaventura Rolón, passou a interrogá-los. Sua intenção era evidente: humilhar aqueles dois homens perante as pessoas ali reunidas.

O espetáculo era impressionante. Silêncio completo na praça em que se desenrolava a cena, tanto mais chocante parquanto os dois homens amarrados tinham o rosto, os cabelos, as roupas cheias de sangue, sinais visíveis de torturas.

Os nomes destes homens correram logo de boca em boca: Ernesto Aguilera e Rigoberto Insaurralde. Ambos guerrilheiros que combatiam a ditadura mais brutal até hoje conhecida pelo povo paraguaiense, a do tirano Stroessner.

Dêles nada restará

A intenção dos que os haviam atado ao poste era evidente: submetê-los a humilhações perante o povo que fora forçado a se reunir na praça. E mais ainda: intimidar quantos sonhassem pegar em armas contra Stroessner. A localidade de Capitán Meza, quem sabe, poderia muito bem cantar-se entre as que em todo o país forneciam combatentes para os guerrilheiros que o tirano Stroessner jamais conseguiu extirpar.

A primeira pergunta da autoridade local, os prisioneiros deram a mesma resposta (em guarani):

— Nada temos a contar a miseráveis como você.

Aguilera não quis limitar-se a esta resposta. E acrescentou ao povo ali reunido que os guerrilheiros que pegavam em armas contra a tirania em que está mergulhada sua Pátria tinham por objetivo conquistar a liberdade.

O major Rolón, num assomo de cinismo, perguntou-lhes ainda que fariam com êle caso o aprisionassem um dia:

— Com bandidos como você, fariamos o mesmo que você vai fazer com patriotas como nós...

Os prisioneiros estavam conscientes de seu fim. Um grupo de mulheres se aproximou do major Rolón pedindo-lhe para não matar os guerrilheiros. Uma jovem pertencente a uma família tradicional no Partido Colorado (de Stroessner) ofereceu-se para casar com Aguilera, tentando assim salvá-lo da morte. A resposta do major foi brutal:

— Dêles nada restará nem o pêlo!

O que o rio traz

Com os poucos meios de transporte de que dispõe o Paraguai, os rios são nesse pequeno país vizinho do Brasil e da Argentina uma das vias mais comuns de comunicações. Sobretudo o rio Paraná, cujas águas correm do Paraguai para o território argentino. Nos últimos tempos, a partir de meados deste ano, em diversas oportunidades, jornais argentinos têm noticiado casos como estes:

«A altura do quilômetro 1 800, do rio Paraná, foi recolhido o cadáver de um homem, cuja identidade ainda se ignora... O médico legista, ao fazer o exame cadavérico, comprovou que apresentava dois ferimentos à bala e sinais evidentes de violências. A este respeito, recorda-se que com êste já são 12 os cadáveres mutilados recolhidos nas águas do rio Paraná» («Crítica», de Buenos Aires, 12.VI.1960).

«Dois cadáveres foram encontrados nas águas do rio Paraná a 23 e 30 de junho último, à altura dos quilômetros 1 741 e 1 584... O primeiro apareceu com as mãos e os pés atados com arames e seu corpo apresentava sinais de haver sido açoitado a chicote. Quanto à segunda vítima, apresentava ferimentos de arma branca; faltavam-lhe uma das mãos e os 2 pés e estava mutilado» (La Prensa, 13.VII.1960).

São os frutos da ditadura de Stroessner e de seu famigerado ministro do Interior, um carrasco que faz lembrar os mais odiosos verdugos nazistas: Edgar Insfran.

Insfran confessa

O Himmler paraguaiense, ante os protestos que começam a levantar-se em toda parte contra as atrocidades e os assassinios da ditadura de Stroessner, viu-se obrigado recentemente (numa declaração divulgada a 4 de agosto) a reconhecer que os cadáveres — inúmeros — carregados pela correnteza do Paraná para o território argentino eram de cidadãos paraguaios. Disse: «Não afasto a possibilidade de que existam cadáveres no rio, de guerrilheiros que pretendiam atravessar a fronteira em determinado momento e foram mortos pelos milicianos.»

E' uma parte da verdade, mas não a verdade toda.

Essa declaração de Insfran é um dos raros reconhecimentos da existência de uma luta de guerrilhas — que cresce e se intensifica — contra o governo tirânico da camarilha de Stroessner.

Mas a ministro-fera tentava ocultar um fato universalmente conhecido no Paraguai e na Argentina: que os bandidos da milícia paraguaiense, mesmo quando capturam guerrilheiros, submetem-nos a torturas antes de fuzilá-los. Fazem com todos êles como fizeram com os bravos expostos ao pelourinho do povoado de Capitán Meza.

No seu ódio zoológico contra os que combatem pela liberdade e democracia, os algozes do povo paraguaiense, os lacaios da Standard Oil — Stroessner e seu bando — recorrem às mais bárbaras e requintadas atrocidades a que se pode submeter um ser humano. Mulheres guerrilheiras têm tido os seios amputados, homens têm sido castrados, sem falar nas unhas arrancadas, mãos e pés cortados, língua seccionada...

A um guerrilheiro submetido a interrogatório e que obstinava em silêncio, os milicianos de Stroessner e Insfran advertiram:

— Fala agora, porque logo mais não poderás falar...

E cortaram-lhe a língua.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.

Insfran, em suas raras entrevistas à imprensa — imprensa amordaçada e que não tem o direito de mais leve crítica à camarilha de Stroessner — anuncia sempre o «extermínio completo» de grupo de guerrilha. Assim, a 11 de julho informou sobre a «liquidação total» da coluna guerrilheira de Ytororó e que nos combates de Nuncañy e Yera-yn «29 guerrilheiros foram mortos», sem mencionar sequer feridos e prisioneiros, dos quais há sempre uma percentagem normal em toda luta. E' que os feridos e prisioneiros são simplesmente assassinados — por ordem de Stroessner e Insfran.



Monstro sanguinário

riam, por exemplo, enterrar os cadáveres nas selvas ou queimá-los, para que não restasse sequer «um pêlo», como ameaçava Rolón.

Mas isto não convém à tirania paraguaiense da Standard Oil. Ela tem medo mortal do povo, e seu maior empenho é intimidar o povo e a todos os patriotas paraguaios exilados nos países vizinhos. Dai lançar às águas do rio Paraná os cadáveres mutilados dos guerrilheiros assassinados. Êles são levados pela correnteza como uma espécie de advertência às populações dos territórios por onde passa o rio: «Não peguem em armas contra Stroessner!»

Mas há outra mensagem levada por êsses cadáveres insepultos e mutilados: o povo paraguaiense está vivo e luta, permanece insubmisso à pressão de Stroessner, como não se submeteu aos monstros que o precederam e que o geraram: Morinigo, Chávez, agentes, todos êles, de um mesmo senhor: os trustes estrangeiros que dominam e pilham a economia do Paraguai.

Campos de concentração

O fuzilamento sumário dos guerrilheiros não significa que sob o governo de Stroessner tenham sido fechados os campos de concentração que de há muito são conhecidos no Paraguai. Stroessner não se preocupa apenas com os guerrilheiros. Inquietam-no também os milhares e milhares de patriotas que resistem por todos os meios ao seu nefando regime. Jamais o número de presos políticos no Paraguai

Não existe um só tipo de tortura jamais utilizado pelos carrascos de toda a história que Stroessner não utilize. A queimadura, o choque elétrico, a castração, a amputação de braços, pés, orelhas, língua, a tortura da água, o chicoteamento com arame farpado são alguns dos métodos mais comuns que o monstro usa naqueles que se levantam contra seu regime de terror. Depois disso, Stroessner ainda manda expor as vítimas das torturas para amedrontar o povo e realiza fuzilamentos em massa nas praças públicas. Na foto o guerrilheiro Rigoberto depois da chacina.

EUA e Brasil Sustentam a Mais Sanguinária Ditadura Das Américas

foi tão grande como hoje. São êles distribuídos pela ditadura nos campos de concentração e de trabalhos forçados de Tacumbú, Peña Hermosa, Ingavi, bem como nos comissariados e guarnições militares de Assunção e no campo. Recentemente foi aberto mais um campo de concentração em — Charará — no qual são detidos os camponeses suspeitos de alimentarem simpatias ou de ajudarem os grupos de guerrilheiros.

A vida nessas prisões e campos de concentração não precisa ser descrita aqui com minúcias, tantas vezes que tem sido, e sabendo-se que todo o Paraguai é uma prisão, um único campo de concentração...

Brasil e EUA sustentam

Enquanto o povo paraguaiense vive submetido à mais completa miséria e ao terror mais sanguinário, a luta contra a ditadura é mais dificultada ainda pelo apoio dado a Stroessner pelos governos dos Estados Unidos e do Brasil. As armas e munições abundantes e o dinheiro com que Stroessner paga seus mercenários para oprimir o povo e combater os guerrilheiros são fornecidos pelos Estados Unidos e pelo Brasil. Mas o Paraguai é um país sem pórtio de mar e sua maior fronteira é com o Brasil. Sem a ajuda do governo brasileiro, Stroessner possivelmente já teria caído.

Assim, o Brasil dá à ditadura paraguaiense o apoio político, econômico e mesmo militar que ela necessita, além de ajudar a polícia facinora de Insfran a impedir que os paraguaios se refugiem no Mato Grosso. A cobertura política que o ministro do Exterior deu a Stroessner e à chamada «democratização» do Paraguai marcha lado a lado com a ajuda militar prestada com o fornecimento de armas e o reaparelhamento de aviões para servirem às caçadas de Stroessner contra os combatentes pela liberdade. Ao mesmo tempo, os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros que possuem interesses no Paraguai fornecem dinheiro ao ditador para que êle continue seu reino de sangue.

Os democratas paraguaios, que esperavam pelo menos compreensão por parte do governo brasileiro, tiveram de condenar veementemente as andanças de Lafer e o apoio dado por Kubitschek ao carrasco do bravo povo guarani.

A luta continua

Stroessner e sua clique são mantidos pelo capital estrangeiro, pela «aju-

da» do imperialismo ianque e do governo brasileiro. Não fosse isso e de há muito teriam sido varridos para sempre.

As fileiras dos patriotas paraguaios crescem dia a dia. Alimentam-se na própria luta, dos sacrifícios dos que caem heróicamente. A Frente Unida de Libertação Nacional congrega hoje homens e mulheres das mais diferentes tendências políticas e dirige a luta contra a ditadura sangrenta e exploradora de Stroessner. A tentativa de insurreição de 12 de dezembro de 1959 foi fe-

rozmente esmagada, mas não extinguiu a chama da causa libertadora.

O povo paraguaiense — menos de 2 milhões de pessoas — vive na mais extrema miséria. Não se curva porém à tirania. O nome de seu herói nacional, Solano López, está nos lábios de cada patriota paraguaiense, que a êle junta os nomes de homens e mulheres simples da atualidade — camponeses, operários, estudantes, intelectuais — que unem suas forças com êste objetivo imediato: derrubar Stroessner, conquistar a democracia para seu país, torná-lo livre e independente.



A ordem é torturar e matar

comunicados oficiais da ditadura de Stroessner sobre os choques entre os beaguns da polícia e os guerrilheiros não constam prisioneiros: quem cair nas mãos de Stroessner é selvagemmente torturado e depois assassinado.



Povo obrigado a ver massacre

Em maio deste ano a pequena cidade de Capitán Meza foi obrigada a testemunhar um dos crimes sanguinários de Stroessner. Dois guerrilheiros, mostrando sinais evidentes de tortura foram apresentados ao povo numa praça, juntamente com a cabeça decapitada de um de seus companheiros. Depois os guerrilheiros foram fuzilados num local vizinho. Na foto o corpo de Aguilera que mostra por si mesmo quem é Stroessner.

NOVOS RUMOS

Contrabando e Entreguismo Por Detrás da Zona Franca

Dicionário

Surgimento da Escravidão

Já se encontra no Congresso Nacional, acompanhado de mensagem presidencial, um projeto de lei visando à criação de uma zona franca no porto do Rio de Janeiro. O projeto foi elaborado por um grupo de trabalho constituído pelo governador Sette Câmara e no qual pontificam, entre outros, os conhecidos entreguistas Roberto Campos e Glycon de Paiva. Por sua concepção, pelos objetivos visados, embora não declarados, pelas consequências que acarretará, a iniciativa é das mais perniciosas e contra ela já se manifestaram, além da União dos Portuários do Brasil, o Partido Socialista Brasileiro e o engenheiro Maurício Joppert, presidente do Clube de Engenharia.

O que é a zona franca

Numa monografia publicada a propósito de tentativa anterior de criação de zonas francas em portos brasileiros, o engenheiro Hildebrando de Araújo Goes, ex-prefeito do então Distrito Federal, faz um histórico do surgimento das zonas e dos portos francos, assinalando a confusão que geralmente cerca os dois conceitos. O porto franco, diz no mencionado trabalho, é a localidade que dispõe de um porto no qual não existe fiscalização aduaneira. Atualmente, portos francos só existem em colônias européias, como Hong-Kong e Singapura. Na Europa, propriamente, onde floresceram no passado, nenhum porto franco existe mais. Dêles, restam apenas vestígios transformados, que são as zonas francas. Estas, sim, foram

criadas em diversos portos, como Hamburgo, Bremenhaven e outros, na Alemanha, Copenhague, na Dinamarca, etc. O objetivo da zona franca é facilitar a movimentação da mercadoria em trânsito, isto é, que se destina a outros países, ou que destes procede.

Escreve, a respeito, o engenheiro Hildebrando de Goes: "O estabelecimento das zonas francas visa atrair a navegação e o comércio. Visa ampliar o "hinterland" de um porto em detrimento dos portos vizinhos. Visa, para a cidade e para o país, os lucros indiretos, que lhe traz o encaminhamento, pelo porto, das mercadorias em trânsito. Sua criação é o resultado de uma concorrência entre portos. É, por exemplo, Hamburgo e é Bremenhaven competindo com Rotterdam, Antuérpia e Génova. É Copenhague em concorrência com os portos alemães do Báltico."

Concorrer com quem?

Portanto, a zona franca é, essencialmente, um instrumento de concorrência. No caso do porto do Rio de Janeiro, com quem iríamos concorrer? Com o porto de Santos? Com o outro porto mais próximo de grande calado, o de Salvador? Ou com os portos de Montevideú e Buenos Aires? Excluindo as duas primeiras hipóteses, pois seria simplesmente inadmissível uma política visando a estabelecer a concorrência entre portos nacionais, resta examinar as condições existentes no porto do Rio, de um lado, e nos de Montevideú e Buenos Aires, do outro. Haverá

um terreno real para essa concorrência?

Os estudos técnicos mostram que não. Os principais portos dos nossos dois vizinhos do Sul são mais atraentes para a navegação do que o do Rio de Janeiro por motivos econômicos dificilmente removíveis. Com efeito, pela composição física do nosso comércio exterior, as importações brasileiras pesam muito mais que as nossas exportações. Em consequência, se os barcos procedentes da Europa ou dos Estados Unidos tivessem todos que vir ao Rio ou Santos e voltar para os seus portos de origem, levariam muito menos carga do que trouxeram. Por hipótese, se fossem necessários 1.000 navios para trazer toda a carga que o porto do Rio recebeu em 1958, bastariam apenas 250 navios para levar toda a carga saída pelo mesmo porto naquele ano. Tal desequilíbrio, a ausência compensadora do chamado frete de retorno, faz com que os fretes para o Rio ou para Santos sejam tão altos, ou às vezes mais altos do que os cobrados para Montevideú e Buenos Aires. É que as mercadorias que compõem o comércio exterior da Argentina e do Uruguai permitem reduzir o enorme desequilíbrio — em peso — que existe no caso brasileiro.

Por isso mesmo, não há vantagem em depositar mercadorias no porto do Rio para depois reexportá-las para Buenos Aires e Montevideú. É melhor levá-las diretamente para lá, poupando inclusive as despesas de desembarque e embarque.

Trata-se, portanto, de uma concorrência impossível com aqueles portos, ademais muito distantes do Rio.

Instalação de indústrias

Na justificação do projeto de lei, além desse fomento à reexportação, cuja inviabilidade acabamos de ver, afirma-se também que as atividades industriais na Guanabara seriam incrementadas com a instalação de indústrias na zona franca. A função de tais indústrias seria processar e manipular produtos importados, acrescentando-lhes parcelas de produtos e mão-de-obra nacionais para posterior consumo interno ou para reexportação. No caso de se destinarem ao Brasil, diz o projeto de lei, somente pagariam os direitos aduaneiros as parcelas estrangeiras do produto; as nacionais, obviamente, estariam isentas.

Estudos autorizados mostram que não há condições nem econômicas, nem materiais (falta de espaço na Guanabara e zonas territoriais adjacentes) para a pretendida instalação de grandes indústrias na zona franca. Somente pequenas indústrias — oficinas de montagem, ou de transformação ligeira — poderiam ser ali instaladas. Não é difícil perceber — mesmo na ingênua suposição de que não houvesse absolutamente contrabando... — que tal medida seria uma porta aberta para a entrada no país de produtos estrangeiros sem o pagamento de impostos. Montada uma máquina, como se iria saber qual o parafuso que é nacional e qual o que é estrangeiro? Ora, o nacional não paga imposto na alfândega e por isso o importador teria todo interesse em fazer passar como de fabricação nacional o máximo possível de partes estrangeiras.

Numa cidade como o Rio, onde a esmagadora maioria das indústrias são pequenos estabelecimentos, a concorrência desigual que tal fato representaria seria simplesmente fatal para numerosas empresas.

É conhecida a verdadeira idiossincrasia que o sr. Roberto Campos e os do seu grupo têm em relação à pequena indústria nacional. Consideram-na "marginal" e que, por isso, deve ser liquidada. Com a zona franca, um grande passo seria dado nesse sentido.

Contrabando em larga escala

Outro aspecto profundamente negativo da criação da zona franca seria o contrabando desenfreado que ela traria. O que agora ocorre nesse terreno é brinco de criança, em vista do que seria a zona franca como foco de contrabando. E então, a situação que já existe no Norte do país, onde ramos inteiros do consumo estão passando para a indústria estrangeira, se esparalaria pelo Sul. Só uma pessoa inteiramente desvinculada da realidade brasileira poderia imaginar o contrário, como, aliás, assinalou recentemente num editorial o jornal "O Estado de São Paulo". É precisamente isto o que

mostra a experiência de outras zonas francas existentes no Continente e na Europa. Por que haveria de ser diferente no Brasil?

Golpe na Administração do Porto

A criação de uma zona franca significaria, ainda, um rude golpe na autarquia do governo federal que administra o porto desta cidade — a "Administração do Porto do Rio de Janeiro" (APRJ). Antes de tudo, atribuições que, por uma série de leis, são suas, passariam para a zona franca, desde que criada esta última. Em segundo lugar, o atual porto se transformaria, praticamente, num porto de cabotagem, de movimentação apenas de cargas nacionais de e para o país. Pois as vantagens da zona franca para o importador e o exportador seriam enormes: depositariam ali suas mercadorias sem pagar um só real de direitos alfandegários.

Também os interesses do pessoal da APRJ seriam afetados. Segundo o projeto, a zona franca seria administrada por uma sociedade de economia mista e seus servidores, sujeitos à legislação trabalhista, teriam uma situação legal diferente da dos servidores da APRJ, que são funcionários autárquicos federais. Seriam dois regimes, sem qualquer justificativa nem vantagem para o país, mas, ao contrário, com graves prejuízos.

Entra o petróleo

Aparentemente sem que lhe tenha sido atribuída maior importância, o projeto de zona franca, em seu artigo 5.º, autoriza a criação de uma zona franca especial para o armazenamento de combustíveis destinados ao abastecimento de navios e aeronaves em trânsito internacional. Seria, portanto, um novo centro de negócios petrolíferos, uma outra porta aberta aos trustes para depositarem e venderem derivados de petróleo no território nacional. E isto é proposto quando a política nacionalista em relação ao petróleo recomenda exatamente o contrário, isto é, a centralização crescente das importações na Petrobrás. Não apenas porque as importações de petróleo são um veículo excelente para fraudar o país (o petróleo importado pelos trustes e as refinarias particulares entra no país por um preço declarado mais alto que o real; as divisas que saem para efetuar o pagamento dessas importações em parte destinam-se a esse fim e o excedente constitui remessa ilegal de lucros). Além disso, a Petrobrás, com a ampliação de suas refinarias, é hoje o grande produtor de derivados, aquele que, naturalmente, deve fazer as compras no exterior, repartindo-as depois,

para suas refinarias e para as refinarias particulares.

Alegações e realidade

Curioso é que esse projeto de criação da zona franca foi apresentado como remédio para compensar as perdas em recursos decorrentes da mudança da Capital para Brasília. Entretanto, é difícil compreender como o fechamento de indústrias e do império do contrabando poderiam concorrer para aumentar a renda do Estado da Guanabara. É difícil conciliar o desejo de ver aumentados os recursos públicos do Estado com o fomento do comércio clandestino, que restringirá as atividades regulares do próprio comércio, da indústria e dos bancos.

Qual a posição do Sr. Lacerda?

Durante a campanha eleitoral, logo no início, o sr. Carlos Lacerda apresentou um programa de diversos pontos, um dos quais era a criação da zona franca. Posteriormente, ao comparecer à União dos Portuários do Brasil, os trabalhadores manifestaram-lhe a mais viva repulsa pela iniciativa, colhendo o candidato totalmente de surpresa. Mais que depressa, o sr. Lacerda apagou do seu programa qualquer referência à zona franca...

E agora? O recuo foi apenas um expediente eleitoral?

O que deve ser feito

Certamente, o comércio importador e exportador poderia ter maiores facilidades do que atualmente, na medida em que isto consulte os interesses do desenvolvimento do país. Esta restrição deve ser feita principalmente para as importações. Ao Brasil não interessa importar tudo, mas apenas o que ajude o seu desenvolvimento. Observadas essas cautelas, entretanto, poderia o Banco do Brasil, em certos casos, dilatar os prazos para o pagamento de ágios, o que reduziria a necessidade de capital de giro para a importação. Outra medida já em cogitação é a criação de um Banco de Exportação, ou a instituição de uma Carteira de Exportação do BND.

No próprio âmbito da Administração do Porto, poderia — desde que baixada a lei correspondente e com redobrados cuidados — ser criado um entreposto de depósito franco, onde as mercadorias importadas ficariam depositadas mediante o pagamento de módica taxa de armazenagem.

Quanto ao fomento industrial, em vez de se cuidar de liquidar indústrias, com uma zona franca, o justo seria um reexame racional da política fiscal do Estado, favorável à instalação de novos estabelecimentos.

Nota Econômica

Mais Aço de Volta Redonda

Acaba de ser inaugurado o oitavo forno de Volta Redonda, com capacidade para produzir 150 mil toneladas de aço por ano. Assim, a capacidade da grande empresa estatal fica ampliada para 1 milhão e 300 mil toneladas por ano, isto é, mais 200 mil toneladas do que aquilo que fora originalmente previsto no Programa de Metas. O acontecimento, que enche de júbilo os brasileiros, constitui mais um passo no sentido da emancipação econômica do país num setor importantíssimo como é o da produção de aço.

A história de Volta Redonda é a própria história da luta patriótica pela criação da siderurgia brasileira. Num dos momentos da sua campanha eleitoral na Guanabara o marechal Teixeira Lott recordou um pouco dessa luta. Lembrou que é vulto de decênios a reivindicação nacionalista da construção da indústria siderúrgica nacional. Por volta de 1912-1914 apareceram, numa revista de militares, artigos de oficiais do Exército encarecendo a necessidade de possuímos nossa própria siderurgia, único meio de marcharmos pelo caminho do desenvolvimento econômico independente. Os entreguistas de então atiraram-se contra as opiniões daqueles oficiais e, tentando ridicularizá-los, afirmaram que o Brasil jamais poderia ter uma indústria siderúrgica, pois um dos elementos básicos para essa indústria — o carvão equivalente — não havia em território nacional. As posições que ocupavam tais elementos fizeram com que o ponto de vista antipatriótico prevalecesse durante muito tempo. Numerosos patriotas — até mesmo há vinte e poucos anos atrás — amargaram o cárcere e as violências policiais por sustentarem a necessidade da instalação da siderurgia no Brasil. Finalmente, durante o período de Roosevelt, conseguiu o governo brasileiro — argumentando com uma série de razões — a concessão de um empréstimo norte-americano, que tornou possível a construção de Volta Redonda, que tornou possível a construção de Volta Redonda.

A usina estatal é, assim, o primeiro grande empreendimento na indústria siderúrgica brasileira e desde que foi criada, seu desenvolvimento tem sido incessante. É claro que o imperialismo norte-americano nunca viu com bons olhos a criação de Volta Redonda e fez mais de uma tentativa para colocá-la sob seu controle ou controlá-la as ditamensões. Ainda há seis anos, um dos magnatas da siderurgia norte-americana declarava em toda a clareza ao então presidente da Companhia Siderúrgica Nacional que ele e seus parceiros não tinham interesse em que Volta Redonda se expandisse, de modo a concorrer com a siderurgia dos Estados Unidos no mercado brasileiro.

A evolução da produção de aço no Brasil, sobretudo no último decênio, tem sido notável. E nesse crescimento o papel decisivo e fundamental tem cabido a Volta Redonda. Assim, de uma produção nacional de 768 mil toneladas de aço em lingotes, em 1950, passamos a uma produção de 1 milhão 160 mil toneladas em 1955 e, agora, a 2 milhões e 300 mil toneladas. Em termos percentuais, o incremento foi de cerca de 200 por cento, o que dá um crescimento médio anual de 20 por cento. Para uma indústria como a siderúrgica, trata-se de taxa bastante elevada, em comparação com os padrões atuais dos países capitalistas mais desenvolvidos. É certo que no seu período de desenvolvi-

mento industrial acelerado, outros países atingiram ritmos bem mais rápidos. Os Estados Unidos, por exemplo, entre 1860 e 1913 multiplicaram por 80 sua produção de aço. Entretanto, tal desenvolvimento era, por assim dizer, favorecido por todos os fatores, entre os quais a afluência de capitais europeus, que se transformavam em capitais americanos. Nos tempos atuais, ao contrário, o desenvolvimento tem que ser conquistado em luta encarnada contra o imperialismo — antes de tudo o norte-americano —, e contra os capitais estrangeiros. É o caso de Volta Redonda, precisamente.

No último quinquênio, a produção de aço em lingotes de Volta Redonda passou de 665.600 toneladas em 1955, para a atual de 1 milhão e 300 mil, isto é, duplicou. Com isto, também aumenta a participação percentual do aço de Volta Redonda no total da produção brasileira, elevando-se a 55,5 por cento.

O crescimento da produção brasileira de aço tem tornado possível o desenvolvimento de vários ramos industriais, o que seria, senão impossível, pelo menos em ritmo muito mais lento, se tivéssemos de importar todo o aço consumido. Este é, por exemplo, um dos problemas mais sérios dos países subdesenvolvidos, como a Argentina, o México e outros latino-americanos. Assim, por exemplo, em 1950, para um consumo de mais de 1 milhão e 100 mil toneladas de ferro e aço, a Argentina produziu apenas 300 mil toneladas, importando o restante; no mesmo ano, o Brasil teve um consumo menor — de 875 mil toneladas; no mesmo ano, o Brasil teve um consumo menor — de 875 mil toneladas — mas a participação da produção interna foi bem maior: 635 mil toneladas, de tal modo que a importação — cerca de 250 mil toneladas — atingiu apenas 28,5 por cento do consumo.

Atualmente, o Brasil é o maior produtor de aço da América Latina, embora o consumo brasileiro de aço por habitante seja bastante baixo, inferior ao do Chile, da Argentina e do México.

O importante êxito que significou a inauguração do novo forno de aço de Volta Redonda deverá ser seguido do outro, já estando prevista a ampliação da usina para uma capacidade anual de 2 milhões de toneladas. Diante de fatos como este, até mesmo órgãos conservadores, como é o "Jornal do Brasil", têm de reconhecer que o conjunto integrado de Volta Redonda, o primeiro que assim se constituiu na América Latina, é um dos mais altos testemunhos da capacidade do Estado como empresário. E oportuno recordá-lo, neste momento, por dois motivos: 1) as esperanças de que estão animados os adversários do chamado estado estalino, em face da vitória eleitoral do sr. Jânio Quadros e 2) porque cresce a responsabilidade das forças nacionalistas na defesa daquilo que nossa Pátria já conquistou na marcha irreversível para sua emancipação.

José Almeida



Zona franca de contrabando

A projetada criação de uma zona franca no porto do Rio de Janeiro viria abrir uma larga porta para o contrabando e para a liquidação de muitas pequenas e médias indústrias nacionais. Nada aconselha a inovação.

TRÊS MIL QUILOMETROS ATRAVÉS DA ALEMANHA DEMOCRÁTICA (II)

Todos Eles Procuram a Liberdade, Mas Apenas Uma Parte a Encontra

Reportagem de FRAGMOM CARLOS BORGES enviado especial de NOVOS RUMOS



A porta da sala foi aberta e por ela entrou um jovem alto e forte. Andar vacilante, cabisbaixo, dirigiu-se em nossa direção, cumprimentou-me e sentou-se ao meu lado. Trajava bem. Uma camisa esporte de mangas curtas, xadrez, vermelha e preta, que me fez lembrar o nosso saudoso Mengo. Calças brancas e bem passadas. Meias coloridas. Sapatos esporte, com fivelas douradas. No pulso esquerdo, um relógio que me pareceu de boa qualidade; no outro, uma bragaideira de couro, muito usada por jovens desportistas. A primeira impressão foi a de que me encontrava diante de um «play boy». Mas para isso faltava-lhe o ar desabusado, o aparente domínio de si mesmo e a falsa tranquilidade, comuns a esses jovens, com que procuram mostrar que estão à vontade, qualquer que seja o meio em que se encontram.

Não estava à vontade. E sua aparência é a de um jovem tímido. Cara fechada, não esboçou ao menos um sorriso contrafeito ao falar com os presentes. Olhar desconfiado, a correr por toda a sala sem se deter sobre esta ou aquela pessoa, como a sondar rapidamente a que queriam d'ele. A dúvida e a incerteza pareciam dominar o seu espírito.

Este é Lauers Hans

O seu nome é Robert Lauers Hans, tem 22 anos, solteiro, alfaiate. É um entre os milhares de jovens que abandonam anualmente a República Federal Alemã e procuram refúgio na Alemanha Democrática. Trabalhava na empresa Otto Höpfner, na cidade de Mettmann, perto de Düsseldorf. Ganhava 320 marcos líquidos, morava com um tio e não tinha outras responsabilidades senão a de sua própria subsistência. Por isso vivia bem, e ainda podia economizar, em média, cem marcos mensais, que depositava no Banco da cidade.

A nossa conversa se arrasta. Hans não parece rapaz falador. É um introspectivo. Mas vai respondendo com serenidade e segurança às nossas perguntas. De maneira objetiva e seca, enquanto o seu olhar quase sempre distante parece percorrer ainda a paisagem que o viu nascer e crescer, repousar sobre velhos amigos e parentes.

Quer Ser Engenheiro

Este é Robert Lauers Hans, tem 22 anos, é solteiro e ama o esporte e a boa música. Não deseja uma nova guerra. Por isso fugiu da Alemanha Fe-

deral. Um de seus grandes sonhos é poder estudar, e formar-se em engenharia têxtil. Está certo de que alcançará esse objetivo.



Eletricista do Combinado "Bomba Negra"

Esta é Antonie. Antonie Stepanik, eletricista-ajudante do grande Combinado «Bomba Negra», na região de Cottbus. Ganha 425 marcos por mês. Seu marido também exerce a mesma profissão, na mesma empresa, com o mesmo salário. Tem uma filha com 15 anos.

Desde 1954 vivem na República Democrática Alemã. Moram num apartamento com dois quartos, sala e dependências. Pagam 20 marcos de aluguel. Na Alemanha de Adenauer não pertenciam a nenhuma organização política ou de massas. Aqui pertencem ao

Sindicato. Deixaram a Alemanha Federal por razões puramente econômicas. Ganhavam mal e viviam pior. Estão satisfeitos. A bela operária que aparece ao seu lado também vivia na outra Alemanha. Pelas mesmas razões mudou-se para a RDA.



A Fome é má Conselheira

Este é Paul Schönitz, acompanhado de sua mulher e os cinco filhos. Morava na cidade de Hagen (150 mil habitantes) e trabalhava na construção civil. Quando trabalhava ganhava 320 marcos líquidos e pagava 120 pelo aluguel da casa onde residia. Não podia

viver com o que sobrava. E a situação ficava insustentável durante os longos períodos de desemprego. Passou os últimos três meses sem trabalho, e como tem um irmão que mora na RDA que lhe mandava dizer que a situação aqui é melhor, resolveu arrumar as malas e fugir. Já aumentou de peso, e está certo

de que as coisas vão melhorar mesmo. Tem dois irmãos que moram em Hagenburg, cidade da Alemanha Ocidental, próxima à fronteira da RDA. E disse que agora poderá pôr seus filhos na escola, o que não lhe era possível na Alemanha de Adenauer.

tes. Há apenas sete dias havia deixado o lar, o trabalho, a velha cidade onde sempre vivera, os amigos de diversões e os companheiros de trabalho, e atravessara a fronteira da liberdade.

Deixara tudo isto por temor à guerra, por ter sido convocado para o serviço militar. Em sua cidade, como em toda a Alemanha de Adenauer, é intensa a propaganda de guerra, principalmente no seio da juventude. E ele é apenas um jovem amante dos esportes, das diversões. Amante da vida. Suas férias, costumava passá-las em países estrangeiros. Já as passou na Iugoslávia e na própria Alemanha Democrática. Freqüentador assíduo de cinema, não tolerava os filmes americanos, de péssima qualidade, que inundam as casas de espetáculo de sua cidade. Mas o seu hobby, mesmo, é a música. A boa música.

Quer ser engenheiro

Sobra como pretende organizar agora a sua vida, não sabe ao certo. Depende das condições. Apenas está chegando e tomando os primeiros contatos com uma nova realidade. De qualquer forma, desejaria continuar a exercer a sua profissão. Caso isso não seja possível, preferiria trabalhar em uma fábrica têxtil. Uma coisa, porém, é certa: quer estudar, e sabe que isto é perfeitamente possível na Alemanha Democrática. E a carreira escolhida é a de engenheiro têxtil.

A nossa conversa terminou em um ambiente completamente diferente daquele em que se iniciara. Hans já estava mais senhor de si e menos inibido. E nos deixou com um forte aperto de mão e um largo sorriso a transfigurá-lo por completo a sua fisionomia um tanto sombria dos primeiros momentos. Sorriso espontâneo, a confirmar a certeza expressa em palavras de que o seu futuro, agora, seria mais tranquilo e mais brilhante.

Campo de refugiados

Estávamos no Campo de Refugiados sito na cidade de Barby, nas proximidades de Magdeburg. Este campo tem 7 edifícios com capacidade para 800 pessoas. É o maior dos muitos que existem na Alemanha Democrática. Há dois anos anda sempre cheio. Ali os refugiados passam, em média, 8 a 15 dias, antes de fixarem residência em outro local e começaram a trabalhar. Este ano, até agosto último, por ali passaram 12 mil pessoas. Em 1959, 30 mil.

Entre os refugiados deste ano, 70% são jovens. A maioria operários. Mas há, também, certo número de membros das camadas médias: intelectuais, pequenos comerciantes, artesãos, etc. Os intelectuais têm campos próprios. Dos 12 mil que passaram este ano por aquele campo, 4.800 eram jovens em idade do serviço militar ou que já estavam prestando esse serviço e desertaram. É grande, também, a porcentagem de mulheres: oscila em torno dos 50%.

As instalações são boas. E a maioria dos refugiados vivem, talvez, como nunca viveram antes. Todos os serviços são gratuitos: do alojamento à comida; da roupa à assistência médica; do cinema ao teatro. E ainda recebem importâncias em dinheiro para outras despesas pessoais. E, ao deixarem o campo, os refugiados não só têm emprego garantido, como recebem o dinheiro necessário à instalação de suas novas residências.

Visitamos algumas das instalações. Percorremos os seus jardins e nos encantamos com o colorido de suas flores. Era uma tarde de sol. Em seus ban-



Veio, Viu e Gostou

Este é Horst Mutze, laminador. Era membro do Partido Comunista Alemão, e trabalhava na cidade de Hannover. Visitou mais de uma vez a República Democrática Alemã e gostou. Por isso era perseguido. E em consequência de sua última visita, perdeu o emprego e

ficou um ano sem trabalho. Resolveu vir de vez. Desde 1952 está aqui. Trabalha na «Bomba Negra», ganha 520 marcos. Os pais vivem ainda em Hannover. Conhece muitos outros jovens operários que vieram para a RDA.

cos, espalhados sob a sombra das árvores, ou passeando em grupos alegres e barulhentos, vimos jovens e velhos, homens e mulheres, e muitas crianças. Conversamos com uns, e outros apenas apertamos as mãos, mas a todos que nos dirigiam os seus olhares acenamos com as mãos num cumprimento de confiança e de amizade. Compreendemos a sua situação. Mais do que isso. Compreendemos a situação em que se encontra a sua pátria, dividida ao meio, e transformada em centro da guerra fria.

Não falamos com refugiados apenas nesse Campo. Durante a excursão que fizemos através da Alemanha Democrática, em suas fábricas e cidades, entramos em contacto com operários e operárias que também vieram da outra Alemanha. Se os jovens, em sua maioria esmagadora, fogem para a Alemanha Democrática por temor à guerra, desertando do Exército reванchista de Adenauer ou escapando à prestação do serviço militar, os outros para aqui vêm à procura de melhores condições de vida e de trabalho. Fogem da fome e da miséria, fogem do desemprego e do desamparo, tão comuns na Alemanha Federal.

Buscam a liberdade

Campos de refugiados também existem do outro lado da fronteira, porque milhares de alemães abandonam a República Democrática Alemã. Uns,

vítimas da tremenda propaganda ideológica do inimigo, realizada através do rádio, da televisão e de seus espíões. Estes logo se desencantam e regressam ou tentam regressar. Se o socialismo ainda não é o paraíso, não é também o inferno em que foram jogados. Outros, descontentes. O socialismo, em sua fase de construção, não pode contentar a todos. Ao contrário. Para resolver os problemas da maioria, para acabar com a desigualdade social, tem que descentenar a uma minoria acostumada a viver parasitariamente. Desta minoria, uma parte não se conforma, não se reduz, não procura adaptar-se à nova situação. Só sabe viver no capitalismo, e para lá se dirige. São os que escolhem a liberdade, segundo as Agências telegráficas do imperialismo. A liberdade de viver sem trabalhar, a liberdade de explorar o trabalho alheio.

Mas os que buscam a verdadeira liberdade, a liberdade de trabalhar e viver tranquila e dignamente, a liberdade de educar os seus filhos, a liberdade de ter onde morar, a liberdade de divertir-se, a liberdade de não temer o futuro, são em muito maior número. A corrente imigratória existente entre as duas Alemanhas deixa um saldo favorável, em quantidade e qualidade, à República Democrática Alemã. E não poderia ser de outra forma. Aqui é o socialismo, é o futuro; lá é o capitalismo, é o passado.

NACIONALISTAS LANÇAM OFENSIVA EM BRASÍLIA

O atual líder da Maioria na Câmara dos Deputados, sr. Abelardo Jurema, dias após o pleito, afirmou à imprensa que uma das consequências positivas da negativa eleição de Jânio viria a ser o reforçamento do papel do Congresso em Brasília. Aparentemente condenado a uma gradual passividade, meses atrás, o Congresso surge agora com a perspectiva de tornar-se um centro de ação política de primeira importância. Com a passagem da atual Maioria, pelo menos em grande parte, para a oposição, e com a consolidação da Frente Nacionalista, reforçada inclusive pelos setores nacionalistas, pequenos, mas atuantes, que apoiaram Jânio, o Senado e a Câmara — sobretudo esta última — deverão tornar-se um centro político de resistência, fiscalização e pressão sobre o futuro governo.

Desde já mesmo durante este fim de governo do presidente Kubitschek, a tendência do Congresso é a de assumir um papel de crescente importância na vida do país. Em particular, os setores mais combativos da Frente Parlamentar Nacionalista, depen-

dendo do apoio que recebem fora do Congresso, principalmente do movimento sindical e estudantil, pretendem fazer aprovar uma série de projetos de lei, de conteúdo nacionalista e democrático, para criar situações de fato para o futuro governo. Eis uma lista dos projetos que estão em pauta no Congresso, e que são objeto da atenção dos nacionalistas:

- prorrogação da lei do inquilinato;
- paridade de vencimentos entre funcionários militares e civis;
- anistia para crimes políticos;
- reforma do Art. 58 da lei eleitoral, que proíbe os comunistas de se apresentarem como candidatos em eleições;
- nacionalização das carteiras de depósito dos bancos estrangeiros;
- lei de repressão ao abuso do poder econômico;
- lei de diretrizes e bases da educação;
- extensão do direito de férias e indenização aos empregados dispensados com menos de um ano de serviço;
- regulamentação do direito de greve.

Grande parte das atividades do Congresso, nos próximos meses, será absorvida pela elaboração do Orçamento do Governo Federal, que deve, por lei, estar pronto até 31 de novembro. Não obstante, alguns projetos desta lista poderão ser aprovados, ainda este ano. Tal é o caso da lei do inquilinato, cuja aprovação é indispensável, em face do prazo limitado de vigência da lei atual, que se encerra a 31 de dezembro: da lei sobre o direito de férias, que está na Câmara, já com parecer favorável das Comissões de Justiça e de Legislação Social, dependendo apenas de aprovação pelo Plenário e outras.

Volta à Constituição

Para os trabalhadores, particularmente, alguns dos projetos enumerados acima têm especial importância: o da paridade entre funcionários civis e militares, que resulta de Mensagem enviada ao Congresso pelo Governo, mas está "engavetado" na Câmara, apesar das repetidas promessas do presidente Kubitschek de que promoveria a sua rápida aprovação; o projeto do deputado Sérgio Magalhães, que estabelece a anistia geral para todos os que foram sujeitos a penas e punições por "crimes políticos" e o projeto de reforma do Art. 58 da Lei Eleitoral.

Este último projeto, do deputado Campos Vergal, procura atenuar a infração do texto constitucional que constitui a proibição aos comunistas de se apresentarem como candidatos em eleições. Enquanto a Lei dá aos tribunais eleitorais a capacidade de impugnar o registro de um candidato, desde que o julgue vinculado ao movimento comunista, o projeto do deputado Vergal mantém essa possibilidade de impugnação, mas a transfere para o período posterior às eleições. O candidato, se eleito, poderia ser diplomado, e a impugnação teria como objeto o seu diploma, e não mais o registro.

Dessa forma, o candidato teria pelo menos o direito de defesa, e se evitaria o processo de violação do regime democrático, que consiste na impugnação do registro de determinados candidatos, em benefício de outros, e na ameaça constante de impugnação que paira sobre os candidatos ligados ao movimento comunista, antes das eleições, e que invariavelmente resulta em prejuízo para a sua votação, seja ou não efetivada a impugnação.

Direito de greve

Outro projeto de lei que interessa especialmente ao movimento operário e aos nacionalistas é o da regulamentação do princípio constitucional que assegura o direito de greve aos trabalhadores, e a revogação do Decreto 9.070. Esta revogação depende de decisão pessoal do presidente da República, e por isso pode ser conseguida independentemente do voto do Congresso, mas estará automaticamente efetivada uma vez aprovada a Lei sobre o mesmo assunto, pelo Congresso.

Depois de 13 anos de sabotagem à regulamentação desse direito líquido dos trabalhadores, a Câmara dos Deputados finalmente aprovou, em 1958, um projeto do deputado Aurélio Viana, dando uma completa regulamentação ao direito de greve. A aprovação desse projeto foi aplaudida por todo o movimento sindical e democrático, mas o Senado, um ano

depois, tentaria liquidar essa conquista dos trabalhadores, aprovando um substitutivo de caráter reacionário e policial. A questão volta agora à Câmara, onde os deputados nacionalistas e democratas vão insistir na reaprovação do projeto Aurélio Viana, para que o substitutivo do Senado seja feito letra morta.

Diretrizes e bases

Quanto a lei de diretrizes e bases da educação ocorre o caso quase inverso ao do direito de greve. Desta vez, foi a Câmara que aprovou um projeto de sentido reacionário, que permite o desvio dos recursos públicos destinados ao ensino para os que negociam nesse ramo de "comércio", e sacrifica a escola pública. Enviado ao Senado, este projeto está dependendo de um relatório do senador Auro de Moura Andrade, para que sejam anulados os famosos "cinco artigos", com os quais a Câmara entregou às escolas particulares o atributo de parasitas do Estado.

A chamada "lei anti-truste" será outro centro da atenção dos parlamentares nacionalistas e democratas, nos próximos meses. Trata-se também de um princípio consagrado na Constituição — o da repressão pelo governo "ao abuso do poder econômico" — que até hoje espera sua regulamentação legal. O deputado Agamenon Magalhães, já falecido há vários anos, foi quem tomou a iniciativa de apresentar um projeto à Câmara, cuidando do assunto. Seu projeto, entretanto, ficou "esquecido" nas Comissões daquela Casa, por obra e graça dos grupos econômicos. No ano passado, o governo enviou ao Congresso o projeto da Superintendência do Abastecimento, órgão que deveria substituir a COFAP e acumular as funções de repressão aos abusos dos trusts. Com a criação do Ministério da Indústria e do Comércio, entretanto, este projeto governamental ficou superado, e o projeto Agamenon Magalhães recuperou sua atualidade. É para ele que a Frente Parlamentar Nacionalista volta-se agora, com o objetivo de aprová-lo antes ainda da posse do sr. Jânio Quadros.

Além desta lista de projetos já apresentados à Câmara e ao Senado, muitos dos quais já têm pareceres favoráveis nas Comissões e dependem apenas de aprovação do Plenário, os deputados nacionalistas têm em vista a elaboração e apresentação de vários outros projetos. O mais importante deles é o que se destinará a reformar a atual Lei de Segurança, que tem dado cobertura legal à repressão policial ao movimento democrático e, especialmente, aos comunistas, em muitas ocasiões. Ela está na origem, por exemplo, da decisão judicial que cassou o registro legal do PCB; ainda recentemente, serviu de base à prisão do líder camponês paulista Joffre Correia Neto.

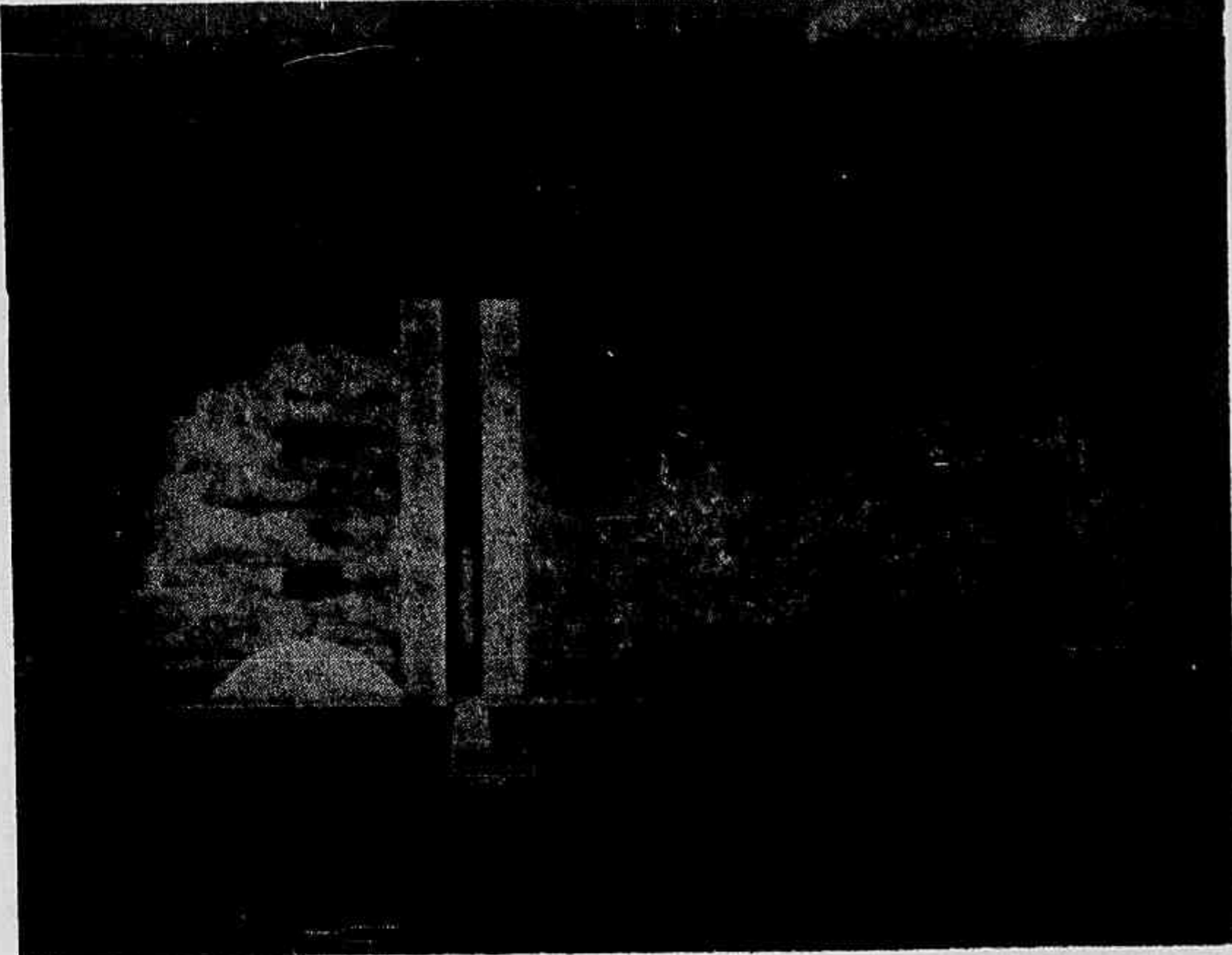
De Walter Ulbricht a Prestes sobre a morte de Pieck

O primeiro-secretário do Comitê do Partido Socialista Unificado da Alemanha, Walter Ulbricht, enviou a Luiz Carlos Prestes o seguinte telegrama: «Caro camarada: O Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha transmite, por seu intermédio, cordial agradecimento pelo envio da sentida mensagem de condolências por motivo do falecimento de nosso camarada Wilhelm Pieck.

Sua mensagem é expressão de que a memória do camarada Wilhelm Pieck permanece no coração dos democratas e amigos da paz de todo o mundo. O Partido Socialista Unificado da Alemanha, inspirado no exemplo do camarada Wilhelm Pieck, continuará sua luta contra o militarismo e a guerra, pelo extermínio do militarismo alemão, pela paz e pela completa edificação do socialismo na República Democrática Alemã.

Ergamos a bandeira do internacionalismo proletário e ajustemos os laços de fraternidade entre nossos partidos, em prol da consolidação da unidade e da ligação de todos os partidos comunistas e operários em sua luta.

Estamos convencidos de que nossa causa comum, a causa da paz, da democracia e do socialismo, à qual o camarada Wilhelm Pieck consagrou toda a sua vida, triunfará em todo o mundo. (a) Walter Ulbricht, primeiro-secretário do Partido Socialista Unificado da Alemanha»



Passada a eleição, o Congresso Nacional vai assumir o seu papel na vida do país. Os deputados da Frente Parlamentar Nacionalista e os da atual Maioria — que passará à oposição — querem apressar o andamento de grande número de projetos de conteúdo nacionalista e democrático. Para isso contam com o apoio dos trabalhadores.

Maioria na oposição

"Romanceiro Cubano"

RUI FACÓ

Poesia política. Sim, é realmente o que fez Jamil Almansur Addad em *Romanceiro Cubano*. Não é, de certo, um caso inédito no Brasil. O poeta aspira a ser continuador da estirpe de Castro Alves, intérprete que é, de há muito, da obra do Poeta dos Escravos. A diferença que me parece essencial e que não tira nenhum mérito ao cantor de hoje é que ele tem consciência da sua qualidade de poeta político, quer sê-lo, enquanto em Castro Alves dominava o espontâneo, a manifestar-se como uma força da natureza.

Mas essa consciência não prejudica de forma alguma a inspiração poética em Jamil Almansur Addad, porque antes de ser político ele já era poeta. E conseguiu aquilo que buscava e de que nos fala no pós-fácio: o equilíbrio da dosagem de uma determinada quantidade de epopéia mediante a inclusão de coeficiente razoável de lirismo.

E isto em todo um livro de mais de 200 páginas. É algo inédito entre nós. É verdade que muitos poetas brasileiros do passado e da atualidade abordaram a poesia política. Mas faziam-no como se praticas-

sem um pecado. Alguns, mais tarde, se arrependiam amargamente, se envergonhariam desse deslize. Porque depois do último poeta de idéias avançadas que tivemos Mário de Andrade, o Grande — a poética brasileira desembocou para o aristocratismo na medida em que iam entrando em decadência poetas que um dia foram renovadores na forma, a exemplo de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Nos últimos três lustros tivemos no Brasil uma verdadeira ofensiva, por múltiplas formas, contra a participação do escritor, do poeta, do artista em política, na sua qualidade de escritor, poeta ou artista. Era uma atitude hipócrita, pois esses mesmos combatentes contra a produção intelectual interessada eram os primeiros a fazerem política, a pior política, a política em favor da reação. Carlos Drummond de Andrade (C.D.A.) em crônica no *Correio da Manhã* (2-IX-1958), chegou a escrever: «Quero conservar meus poucos e bons amigos adeptos do lema «politique d'abord». Enquanto isso, exercitava a musa política em favor da UDN e

de Carlos Lacerda e outros candidatos dos mais reacionários a postos eleitos.

O sr. Bandeira envereda pelo mesmo caminho, caindo numa poesia repugnantemente bajuladora, como aqueles tristemente famosos versinhos dedicados aos norte-americanos: «Amigo, a casa é sua, vá entrando, vá mandando...» E desceu tanto, se era possível, que chegou este ano a um «Louvado» que só se pode justificar se o poeta estiver realmente de miolo mole, como ele próprio admitiu em crônica recente. Eis um exemplar da poesia política do sr. Manuel Bandeira (*Jornal do Comércio do Recife*, 7.VIII.1960):

«Louvo o Padre, louvo o Filho
O Espírito Santo louvo,
Louvo aquele que à vassoura
Chamou espada do povo»

Vou cerrar este louvado
Falido de rima em ovo
Mas fiquem vocês sabendo:
— Vassoura é a espada do povo»

É ou não poesia política? A qualidade é má? Não discutimos isto; o tema não ajuda e o poeta já entrou de há muito em plena decadência: é o crepúsculo da estrêla da manhã. O que queremos acentuar é que a vida mesma impõe esta participação, essa militância, esse engajamento. E cada um faz o que pode.

Na minha opinião Jamil Almansur Addad faz muitíssimo melhor do que os medalhões. A vantagem está a seu lado. Junta o talento em plena florescência aos temas escolhidos. Seu *Romanceiro Cubano* é a vida contemporânea em âmbito universal. O mundo para ele é um todo, tudo está próximo, íntimo e interessa a todos os homens. E ele vive em poesia as gigantescas transformações da China, a luta de libertação dos povos do Oriente Médio, aos quais está ligado pelo sangue, até chegar a Cuba, por onde aliás o livro começa. O drama de Cuba é justamente o que mais de perto nos empolga, o que nos toca mais o coração e a mente. Sim, porque a poesia de Jamil Almansur Addad se dirige tanto à sensibilidade como à inteligência. É o que podemos chamar de poesia total, poesia humana, poesia corpo e alma.

O poeta conseguiu fugir ao principal perigo — porque também tinha consciência dele: o lugar comum, como escapou ao discurso, à declamação, ao boletim. E alcançou a grande qualidade positiva que se exigia numa poesia desta espécie: simplicidade, naturalidade com beleza de expressão. Eis um exemplo:

«Onde a ilha? Onde? Onde?
De homens que são mais felizes?
Saudamos a nossa fronde
Vinda de tuas raízes.

Nossa nau, Cuba aguerrida
Ancorará em teus portos.
Saudamos a nossa vida,
A que nasce de teus mortos».

Qualidade a destacar no poeta é sua perfeita coerência política ao considerar poeticamente os eventos revolucionários de nossa época. Jamil Almansur Addad não paira na

superfície dos acontecimentos; compreende e aceita a consequência revolucionária de Fidel Castro e seus companheiros. Uma prova no belo poema — «Os fuzilados»:

«Para ti meu epítio,
O meu soneto e o meu son.
Ouço o povo no comício,
Exclamando: Paredon!

Saudamos o teu futuro,
Libertação dos tormentos.
Fulge Cuba por um muro,
Muro dos fuzilamentos».

Neste poema teria apenas uma restrição de caráter político: é quanto à última quadra, que me parece deslocada, pelo menos na minha compreensão de fatos tão diversos como a execução de traidores em Cuba e a vingança pela morte de Vargas...

Parece-me também que Jamil Almansur Addad ainda está preso a um certo misticismo que impregna alguns de seus poemas. São frequentes as invocações de Deus, Maomé, Jeová, Alá... Embora algumas vezes em tom irônico de fina qualidade, como no poema «O Rei Abdula», na minha opinião um dos melhores do livro:

«Quem tua vontade anula?
Ó Providência infinita!
Fuzilaram rei Abdula
No silêncio da mesquita».

Devo reconhecer que o deus do poeta é um deus popular e às vezes revolucionário, ou pelo menos o poeta procura atraí-lo para a revolução. Não seria mal que o conseguísse, mas tudo indica que os diversos deuses, pelo menos das religiões dominantes, das Igrejas dominantes, estão firmemente ao lado das atuais classes dominantes do mundo capitalista. Em Cuba, a Igreja católica não vê a revolução com bons olhos e indica claramente que preferia Batista e os norte-americanos...

Finalmente, creio que a nova poesia de Jamil Almansur Addad está destinada a perecer profundamente entre o grande público. Pode ser, e é quase certo, como já sugeriu Geir Campos, que não a aceitem os críticos profissionais. Não a aceitarão muito menos os neocomunistas do *Jornal do Brasil*, em cujas páginas há algum tempo o sr. Sartre puramente existencialista era endeuado e hoje é chamado de burro, por ser partidário do romance popular.

Mas não importa o silêncio da crítica oficial em torno do livro de Almansur Addad. Ele teve sua origem em boa fonte: o enorme entusiasmo do povo brasileiro pela revolução cubana. É uma expressão clara e sonora desse entusiasmo, que as infâmias da UPI e de outras agências de mentiras dos trusts internacionais não conseguirão extinguir. A aceitação do livro, estou certo, mostrará que o autor não tem razão quando afirma, baseado na experiência do passado, que «o poeta político é necessariamente um poeta exilado». O poeta político das causas populares é, hoje, poeta do povo.

Ed. Brasiliense, São Paulo, 1960.

Diplomacia do Dólar

Um livro de grande atualidade acaba de lançar a Editorial Vitória: «A Diplomacia do Dólar», do autor soviético L. Vladimirov. O livro apareceu recentemente em Moscou. Mas, embora ao calor da grande luta que trava hoje o povo cubano pela sua independência e pelo progresso, não é um livro panfletário nem apaixonado. É história, história à luz do marxismo, história que leva em conta o povo e suas lutas e não apenas os atos e as palavras de personalidades, de estadistas, ou mesmo de governos.

Mais do que a posição dos Estados Unidos, na história, em relação a Cuba, «Diplomacia do Dólar» nos revela todos os meandros do que foi a primeira guerra da época imperialista: a guerra dos Estados Unidos pela posse das remanescentes colônias espanholas da América.

A história que em geral se conhecia a respeito era do papel de bom moço desempenhado por Tio Sam em relação a Cuba, Porto Rico e Filipinas. Como se os norte-americanos fossem os anjos-da-guarda daqueles povos coloniais que já lutavam por sua libertação. Este livro nos mostra a verdade toda: os Estados Unidos se apresentaram na qualidade de candidatos a herdeiros de restos de um domínio colonial que a Espanha não podia mais sustentar. Os povos que tinham vivido séculos sob o domínio de Castela já estavam em vias de conquistar sua completa emancipação quando chegaram os fuzileiros navais norte-americanos, os navios de guerra norte-americanos, os soldados de ocupação norte-americanos. Não o para ajudar, mas precisamente para impedir que aqueles povos tomassem em suas mãos os próprios destinos.

Vladimirov se fundamenta numa vasta e preciosa bibliografia, inclusive fontes inéditas e documentos oficiais dos arquivos dos Estados Unidos e do Congresso de Washington, em autores norte-americanos e

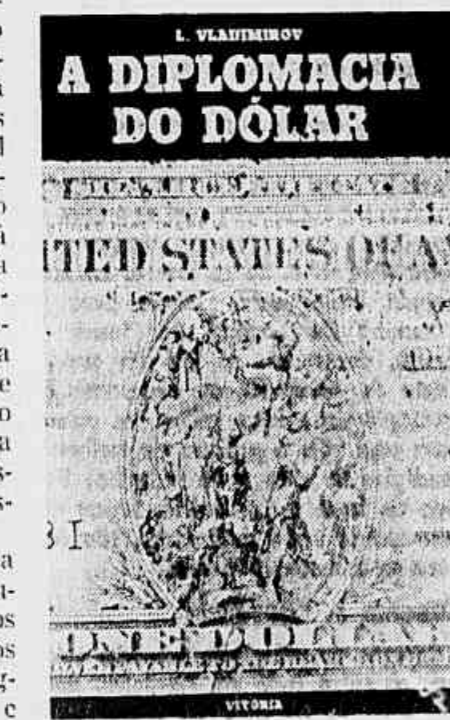
materiais do Ministério do Exterior da Rússia czarista.

E nos oferece uma visão panorâmica das relações entre os Estados Unidos e os países da América Latina, em particular Cuba; relações que por mais que se dissimulem como de «boa vizinhança» têm sido apenas de Metrópole para Colônia. Este livro põe a nu toda a monstruosa hipocrisia da política exterior de Washington em relação a seus vizinhos. Mostra o que foi a guerra hispano-americana e suas consequências para afirmar o domínio de fato do imperialismo ianque sobre os povos da América Latina.

Neste momento em que o bravo povo cubano está novamente lutando contra os ardis do poderoso vizinho do Norte, «Diplomacia do Dólar» é um brado de alerta, um chamado de solidariedade a Cuba e uma advertência a nós mesmos quanto ao nosso futuro.

Um livro que merece ser difundido ao máximo.

R. F.



Abolição do Colonialismo: Exigência da Carta da ONU

Publicamos neste número a segunda e última parte da Declaração Sobre a Concessão da Independência aos Países e aos Povos Coloniais, apresentada na ONU por Nikita Kruschov. O título e os entretítulos são da responsabilidade da redação de NOVOS RUMOS.

Os monopólios espalham os homens duas vezes: no Oriente, quando compram, e no Ocidente, quando vendem as mercadorias e matérias-primas das colônias.

E ainda obrigam os povos das colônias a manter em tempo de paz tropas e administrações estrangeiras, isto é, a pagar o custo das cadeias que os submetem. Ao mesmo tempo, os monopólios fixam aos contribuintes da metrópole altos impostos para a realização de expedições punitivas e guerras coloniais, obrigando os seus povos a pagarem também as cadeias com que os monopolistas colonizadores subjagam os outros povos. De fato, enterram nos campos desolados a liberdade de seu próprio povo junto com a independência de outras nações. Esta situação, por si só, constitui uma grave sentença ao regime colonialista.

No entanto, se os Estados membros da Organização das Nações Unidas e, sublinhando, em primeiro plano aqueles que há tempos oprimiram muitos povos, manifestassem pelo menos um mínimo de compreensão das necessidades imperativas destes povos, teriam possibilidades de satisfazê-las. Um dos pontos principais é a solução do problema do desarmamento e da redução dos gastos militares.

Todos sabem que somente os Estados membros do bloco militar colonialista do Atlântico Norte invertem na corrida armamentista 62.000 milhões de dólares por ano. Se investissem, por exemplo, no desenvolvimento e progresso dos países da África ainda que apenas a metade dessa soma, destinada anualmente a objetivos improdutivos e perigosos para a paz, poder-se-iam realizar grandiosos projetos de engenharia e técnica, incluindo os planos de Inga, Konkur, Zanzibar e da Volta, planos de construção de grandes centrais hidráulicas e de sistemas de irrigação, de empresas industriais, de transformação da agricultura. Os povos livres da África poderiam criar por toda parte escolas, universidades, hospitais, estradas e tomar outras medidas que lhes permitiriam elevar sua agricultura ao mais alto e moderno nível.

Ao mesmo tempo, se as colônias africanas e outras ficassem livres das travas do colonialismo, isto facilitaria o aproveitamento das suas riquezas naturais, aumentaria ali a necessidade da maquinaria e da produção industrial européia e norte-americana, incrementaria a exportação de matérias-primas e produções diversas para a indústria da Europa e da América, elevaria o grau de ocupação de trabalho da população e de aproveitamento da potencialidade de produção, além de assegurar a elevação do nível de vida dos países industrialmente desenvolvidos.

Colonialismo moribundo

Cada pessoa honrada e cada governante, que defenda realmente a igualdade de direitos dos povos e aspire a ver realizados os objetivos e princípios proclamados pela Carta da Organização das Nações Unidas, não pode deixar de ver que o colonialismo é um fenômeno oprobioso e moribundo na vida contemporânea. A supressão completa e definitiva do colonialismo seria o prólogo não só do progresso social, mas também de um impetuoso desenvolvimento técnico na indústria e na agricultura, do mesmo modo que a abolição da venda de escravos deu enorme impulso ao desenvolvimento das forças produtivas da sociedade.

A abolição do colonialismo seria uma das medidas mais importantes para aliviar a tensão internacional. Os conflitos bélicos e as guerras surgidas no período pós-bélico, como a guerra da Indonésia, Indochina e Argélia, a agressão contra o Egito, a intervenção estrangeira no Líbano e Jordânia e os complôs contra a Síria, Iraque e outros países obedeceram precisamente aos propósitos de impedir a libertação e o desenvolvimento nacional dos jovens Estados da Ásia, África e América Latina. E mais, no transcurso de todo o último século, a maioria das guerras e dos conflitos bélicos esteve ligada de uma maneira ou de outra ao colonialismo, à luta das grandes potências para repartirem entre si as colônias.

Os povos perceberam mais de uma vez o enorme perigo da transformação das guerras coloniais em novo conflito mundial. E agora a intervenção contra a República do Congo agravou a situação internacional, criou uma ameaça à paz na África, e não só na África.

Por acaso pode-se esquecer que nas circunstâncias atuais, dada a existência das armas nucleares e dos foguetes, o fogo da guerra atirado em um continente pode abranger num instante todo o globo terrestre?

Muitos focos principais da atual tensão internacional — no Oriente Próximo e no Extremo Oriente, na África e na América Latina — são conseqüência também em grau considerável da política colonialista. As colônias e os chamados «territórios sob tutela» são utilizados freqüentemente como bases militares de potências estrangeiras e polígonos para provas atômicas. Pode trazer calma ao povo esta situação, pode livrá-lo do medo da guerra, pode dar solução à miséria, à fome e às enfermidades de que padecem ainda os povos dos países que continuam na situação de colônias e de territórios sob tutela?

Bases militares

Além de grandes colônias e de territórios sob tutela, algumas potências conservam também bases em diferentes zonas do mundo, como, por exemplo, Ilha Ocidental, Okinawa, Goa, Porto Rico e outros, sem falar já de Taiwan, onde os Estados Unidos realizaram uma agressão ao ocupar este território da República Popular Chinesa.

Qual a necessidade que têm as potências industrialmente poderosas destas bases e «possessões» em territórios alheios? Não é isto uma verdadeira reminiscência da superada época de domínio colonial? Que diriam os europeus e os norte-americanos se países asiáticos ou africanos exigissem bases próprias nos países da Europa Ocidental ou na América do Norte?

Não pode haver dois critérios: estas bases se mantêm para criar uma ameaça à independência nacional e à segurança dos povos situados nas zonas próximas a elas. Da mesma maneira que nos primórdios do colonialismo as feitorias comerciais serviram de base de propagação do regime de domínio colonial da Ásia, África e América, hoje, na época da desagregação do colonialismo, os imperialistas tratam de empregar as bases e as colônias que lhes restam ainda para pressionar brutalmente os Estados independentes da Ásia, África e América Latina.

Regime colonial deve ser enterrado

Os Estados membros da Organização das Nações Unidas, que fazem a presente declaração, consideram que cada Governo que deseja a paz e o progresso não de palavra, mas de fato, deve respeitar os direitos legítimos de todos os povos sem exceção e suas reivindicações de igualdade, justiça e independência. Ou estas reivindicações são reconhecidas por todos os Estados,

ou os povos oprimidos, com o apoio de seus numerosos amigos no mundo inteiro, tomarão eles mesmos seu destino nas mãos e conseguirão a liberdade e a independência varrendo os obstáculos artificiais levantados em seu caminho pelos colonialistas. O dever primordial de todos os povos é prestar ajuda à sagrada luta pela independência, contra a opressão dos colonizadores.

Do mesmo modo que todo o vergonhoso sistema do colonialismo, também já viveu sua época uma variante do regime colonial: o atual sistema de tutela. Sobrevivência direta do sistema de mandatos da Liga das Nações, o atual sistema de tutela, segundo a Carta da Organização das Nações Unidas, deveria contribuir para o desenvolvimento dos territórios sob tutela por meio da administração autônoma e da independência. Entretanto, transcorreram quinze anos desde que se aprovou a Carta e somente obtiveram independência quatro dos onze territórios sob tutela.

Até agora não se estabeleceu nenhum prazo fixo para conceder independência aos territórios submetidos a tutela, inclusive os maiores deles, como Tanganika, Ruanda-Urundi e Nova Guiné.

As potências que exercem a «tutela», sem ter em conta os princípios da Organização das Nações Unidas, mantêm de fato regimes coloniais, explorando impiedosamente a população e espoliando as riquezas naturais, castigam os que dirigem petições à Organização das Nações Unidas e refreiam o desenvolvimento político e econômico dos territórios sob tutela.

O sistema de tutela não se justificou em parte alguma e deve ser enterrado juntamente com antiquado sistema colonial.

Racismo

O regime de opressão colonial deixou ao homem, como penosa herança, muitos problemas de difícil solução. Os lamentáveis dramas do Congo, como em outra série de zonas da Terra, onde os povos travam uma legítima luta pelos seus direitos, exigem uma solução ponderada do problema das relações mútuas entre a população nativa e os colonos de outros continentes. A discriminação racial, com todas as suas repulsivas manifestações de divisão dos povos e nações em privilegiados e «inferiores», é o racismo, é a justificação do criminoso genocídio, é a via de acumulação de novas atrocidades sobre as antigas e de novos crimes sobre os passados, é a via de alicenciamento do ódio, recíproco, de incessantes conflitos sangrentos entre os países e os povos.

Os povos têm a pele de cor diferente, mas o sangue de todos eles só



Monstro ainda vive

têm uma cor. E nenhum povo pode pretender dominar outros povos.

Novas relações

As relações entre os povos criadas durante os tempos do colonialismo devem ser substituídas por novas relações, baseadas sobre os princípios da igualdade de direitos da amizade e do respeito mútuo, independentemente do regime social e político dos Estados e das concepções e opiniões políticas dos homens ou da cor da sua pele. Os povos das colônias devem obter uma independência efetiva e não fictícia, como a que estiveram mantidos de fato no marco de uma variante do regime colonial. Os povos exigem não somente grandes liberdades na base do regime colonial, mas a supressão definitiva deste regime, a liberdade para avançar e o direito de dispor de si mesmos, de desfrutar de suas riquezas e dos frutos do seu trabalho. Qualquer forma de vassalagem e qualquer manifestação de «tutela» ou de «benefício» em relação a estes povos humilham profundamente sua dignidade.

A vida coloca agora o problema da escolha entre o estagnamento e o progresso, entre a escravidão e a liberdade, entre a divisão dos povos e sua unidade, entre a guerra e a paz.

A Organização das Nações Unidas se vê obrigada a exortar imperiosamente as potências que têm possessões coloniais a estabelecerem negociações em pé de igualdade com os representantes dos povos das colônias e chegarem a um acordo sobre o estabelecimento da liberdade e da independência dos países coloniais.

Devem ser fixados prazos exatos e próximos para as negociações e excluída a possibilidade de pressão e agressão por parte das potências coloniais. Se estas potências não respondem a este apelo, se retardam a libertação das colônias e esmagam o movimento de libertação dos povos coloniais, os povos afeiçoados à paz devem prestar toda classe de ajuda moral e material aos povos que lutam pela sua independência.

Direito à independência

Os Estados membros da Organização das Nações Unidas partem do prin-

Apesar do grande movimento de libertação dos povos coloniais depois da Segunda Grande Guerra, mais de cento e cinquenta milhões de pessoas ainda vivem submetidas diretamente ao domínio das potências colonialistas, inclusive em alguns países em que a ONU concedeu o direito de «tutela». Cabe à Organização das Nações Unidas tomar imediatamente as providências para acabar com esta situação.

Abolição total do colonialismo

Em todo o curso do desenvolvimento histórico se apresenta, hoje, o problema da abolição completa e definitiva do regime colonial em todas as suas formas e manifestações. E não em qualquer momento posterior, mas imediatamente e sem condições!

Quanto mais conseqüente e firmemente se aplicam os princípios da cooperação internacional, os princípios da igualdade de direitos, da soberania e da inviolabilidade territorial, da não ingerência recíproca nos assuntos internos, da vantagem mútua, da coexistência pacífica e colaboração econômica, tanto mais sólidos serão o entendimento recíproco e o acordo dos Estados livres e iguais em direitos de todo o mundo.

Somente por este caminho os países do Oeste e do Este, do Norte e do Sul poderão, aproveitando as grandes realizações da ciência e da cultura contemporâneas, atingir o progresso, uma verdadeira cooperação pacífica entre as nações. Somente assim podem ser convertidas em realidade os elevados princípios da Carta da Organização das Nações Unidas sobre o direito das nações e povos a autodeterminação.

Movidos pelo ardente desejo de conseguir com a maior rapidez a boa vontade e o entendimento recíprocos entre os Estados e os povos, entre a população nativa dos territórios sob tutela e os que se instalaram nestes países e aí querem viver em pé de igualdade com todos os cidadãos, os Estados membros da Organização das Nações Unidas, que colocaram suas assinaturas ao pé desta Declaração, se dirigem a todos os homens, sem distinção de idioma ou de cor, de religião ou de convicções políticas:

Que ouçam nossa palavra todos os homens da Terra!

Todos habitamos o mesmo planeta. Nêle nascemos, trabalhamos, criamos nossos filhos e lhes transmitimos o que conseguimos na vida. E ainda que existam na Terra diferentes Estados, todos os homens nascem iguais na sua dignidade de cidadãos.

1. Conceder imediatamente a todos os países coloniais e sob tutela e a outros territórios que não gozam de administração autônoma, a completa independência, a liberdade na edificação de seus próprios Estados nacionais, de acordo com a vontade e desejo dos povos, livremente expressados. O regime colonial e a administração colonial e todas as formas devem ser suprimidas por completo para que os povos desses territórios tenham a possibilidade de determinarem eles próprios seu destino e as formas de governos do Estado.

2. Suprimir igualmente todos os pontos de apoio do colonialismo em forma de possessões e de zonas arrendadas em territórios alheios.

3. Os governos de todos os países assumam o compromisso de observar rigorosa e invariavelmente, nas relações entre os Estados, os princípios da Carta da Organização das Nações Unidas sobre a igualdade e o respeito dos direitos soberanos e da integridade territorial de todos os Estados sem exceção, não tolerando nenhuma manifestação de colonialismo e direitos excepcionais ou vantagens para uns Estados em prejuízo de outros.

Os Estados membros da Organização das Nações Unidas, que se guiam pelos nobres princípios da Carta desta Organização, não podem deixar de considerar a abolição do regime colonialista como uma importantíssima etapa da vida internacional. Esta ação é por si mesma um dos fundamentos principais para o desenvolvimento das relações amistosas entre todos os Estados e todos os povos, e, portanto, para o sucesso da grande tarefa de assegurar uma paz sólida e duradoura na Terra.

Cada Estado e cada Governo têm o dever sagrado de colaborar na aplicação mais rápida e íntegra desta Declaração.



Juventude é curta

Vivendo em condições quase idênticas às da escravidão, os africanos logo perdem sua juventude e poucos são os que chegam aos trinta e quatro anos. A miséria colonial liquidou milhões sem qualquer contemplação.

Festa da Juventude do Mundo a Inauguração da Universidade da Amizade Dos Povos

Moscou (Via aérea, especial para **Novos Rumos** — Paulo Facó). — Cumpridas as formalidades legais em Paris, embarcamos num magnífico avião a jato **Caravelle**, aqui chegando depois de uma viagem de duas horas, escalando em Varsóvia. No aeroporto de Moscou já nos esperavam e rumamos em seguida para a sede da Universidade da Amizade dos Povos.

As novas impressões são tantas que é difícil enumerá-las. Mas o que mais impressiona é a amizade entre a juventude de todos os países aqui representados. Para constatar isto é preciso mesmo ser estudante da Universidade, viver a sua vida como nós estamos vivendo. Através de uma correspondência, mal se faz uma ideia da realidade. No fim do dia fica-se literalmente com a mão dolorida de tantos apertos de mão. Cada dez passos que se dá pelos corredores, no refeitório, nas escadas, há sempre sorrisos abertos e braços prontos para um abraço. Para fazer uma analogia mais ou menos fiel, é como o ambiente em que se realizou o VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

Ontem, 1º de outubro, foi a inauguração da Universidade. Num enorme auditório, cuja ornamentação (tradicionalmente soviética, diga-se de passagem, de cortinas de veludo vermelho, mesa coberta de veludo verde, onde não faltavam as meringas de vidro com os respectivos copos para os oradores) contrastava com o espírito juvenil, reuniam-se estudantes de todos ou quase todos os chamados países subdesenvolvidos. Efetuou-se aí a instalação dos cursos.

Em primeiro lugar falou o Reitor da Universidade, Rumiântsev, e a seguir falaram todos os estudantes que quiseram fazê-lo. Foi um desses espectáculos que dificilmente se esquecem.

Em meio ao entusiasmo, conseguimos abstrair-nos até das pesadas cortinas de veludo e das meringas de vidro — de tudo o que era alheio à nossa reunião. Falaram representantes de todos os Continentes, inclusive um do Brasil. (Fui eu o tradutor para a assembléia do seu discurso para o russo). Não havia entre nós nada de oficial, de pré-estabelecido. Eram to-

dos discursos espontâneos, improvisados e, por isso mesmo, belíssimos. Foi uma das coisas mais comovedoras que já assisti na minha vida. Todos os que falaram eram jovens progressistas, pessoas realmente boas e sinceras. Que maravilha é isto aqui! É realmente deslumbrante ver juntas pessoas de todas as raças e de todos os tipos, de costumes e crenças diversas, reunidas por um só ideal, todos reunidos para um fim único!

A noite houve um baile em que mais uma vez estávamos todos juntos, o qual se prolongou até alta noite. Realizou-se também um concerto de âmbito internacional. E se nem todas as apresentações eram de primeira categoria, em compensação eram alegres e naturais, e isto é o que importava.

Do Brasil, no dia da inauguração dos cursos da Universidade da Amizade dos Povos, havia apenas 7 estudantes; mas serão ao todo 30, segundo fui informado. Será o grupo mais numeroso de todos os países, pois também foi o Brasil que contribuiu com o maior número de solicitações.

Por enquanto estamos residindo num enorme edifício da Universidade da Amizade dos Povos numa região bem afastada do centro de Moscou. Futuramente aqui ficarão somente as faculdades de ciências humanas, enquanto as faculdades de ciências exatas irão para outro edifício, dentro de mais ou menos dois meses.

Entretanto, constrói-se o edifício geral da Universidade, que deve estar pronto daqui a três ou mesmo dois anos. Então, nele ficarão instaladas todas as universidades, tanto as de ciências exatas como as de humanidades.

Moro com outro brasileiro, um colombiano e um habitante da África Negra.

Logo que chegamos iniciamos os exames de admissão, começando por física e matemática. A vida na Universidade é intensa. Vivo tão intensamente como nunca. Fui escolhido encarregado de relações públicas da turma brasileira. Já tenho inúmeros amigos e penso, daqui por

diante, fazê-los em número ainda maior.

Já começamos a receber o estipêndio a que temos direito como universitários, como todos os universitários da União Soviética. Creio que será possível economizar para ir passar férias no Brasil. Mas quanto a mim só penso fazê-lo quando completar o primeiro ano de engenharia, isto é, daqui a dois ou três anos, conforme o período de duração do curso preparatório.



Velhos amigos

Muitos estudantes chegaram à URSS e encontraram lá compatriotas seus cursando várias faculdades. Imediatamente prepararam-se festa e reunião para comemorar a vinda dos "calouros" com danças e cantos da pátria. Os bolsistas do Ceilão promoveram um encontro entre professores e alunos da Universidade dos Povos saudando-os com um caloroso "Viva!"



As primeiras lições são sempre difíceis, mas a vontade de aprender dos africanos vence qualquer obstáculo. Como outros jovens dos países que só recentemente se libertaram do colonialismo, eles sabem que a luta para conseguir o desenvolvimento económico e social e acabar com a miséria e a ignorância de seus povos será árdua e querem aproveitar ao máximo a oportunidade que lhes foi oferecida. Assim pensam Latif Husein e Lasisi Osunde quando recebem a ajuda de uma das dezenas de professoras de russo da Universidade.

**Sêde de saber
não tem fim**

NOVOS RUMOS



A primeira turma da Universidade dos Povos começou seus estudos de língua russa. São quinhentos jovens de todos os cantos do mundo que se preparam para seguir cursos de engenharia, economia, química, física, medicina, etc. Todas as suas despesas foram pagas e todos os cuidados materiais e morais necessários lhes foram prestados para que eles possam se dedicar exclusivamente à sua formação. Nesse ambiente de amizade e concordância, o estudante Godfrid Pata, bolsista da Nigéria, exprime a esperança e a disposição de todos escrevendo a palavra "Paz" no quadro negro.

**Começou
com a paz**



**Sorriso de Nancy
é em Moscou**

As mulheres não foram esquecidas, e a africana Nancy Johnson, vestindo trajes típicos de seu país e estampando na face um sorriso sincero demonstra sua confiança no futuro.